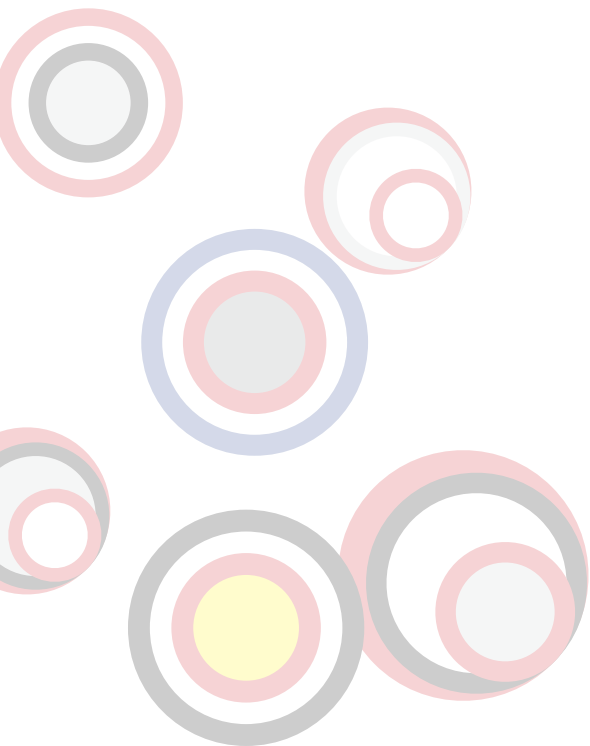


clube de leitura







Perguntas frequentes

1) O que é clube de leitura?

Clube de leitura é um momento especial entre pessoas que gostam de ler e querem trocar ideias e experiências a respeito do que leram. É também uma oportunidade para aqueles que querem começar a se aventurar pelo mundo da boa leitura.

Os encontros são mensais, organizados em ambiente descontraído, em que os participantes têm a oportunidade de prolongar o prazer propiciado pela leitura ouvindo e participando da discussão a respeito do livro escolhido.

2) De onde vem a ideia de organizar clubes de leitura?

Muito comum em países da Europa e nos Estados Unidos, os clubes de leitura chegaram ao Brasil pela Companhia das Letras, graças à parceria com a Penguin Books.

Em 2012, o Sindi-Clube resolveu ampliar seu Programa Cultural e, com as parceiras Academia Paulista de Letras (APL) e editora Companhia das Letras, lançou o projeto Clube de Leitura nos clubes paulistas. Em agosto de 2014, essa iniciativa completa 2 anos de atividade, com 14 grupos de clubes de leituras. Novos estão se formando, com mais de 200 associados leitores beneficiados.

3) O que é preciso para montar um clube de leitura?

Uma sala com cadeiras para que os interessados possam se reunir, um mediador e um coordenador que organize os encontros.

4) Qual o papel do coordenador?

O coordenador tem papel estratégico na consolidação e manutenção do clube de leitura. A ele cabe organizar o evento, cuidar da comunicação com os integrantes do grupo e facilitar o diálogo entre todos. Algumas características podem fazer diferença: apreço pela leitura, facilidade de comunicação e de relação interpessoal, prazer em organizar eventos e em receber, boa vontade e disponibilidade para atuar continuamente no projeto.

5) Qual é o papel do mediador?

O mediador é a peça fundamental na condução dos debates sobre o livro. Sem ele não há clube de leitura. Ele precisa gostar de ler, ter facilidade na relação interpessoal, se interessar por grupos, saber escutar e mediar as discussões, equilibrando os tempos de fala de cada um, abrindo espaço para os mais tímidos e contendo delicadamente os mais falantes. Fundamental que tenha disponibilidade para atuar continuamente no projeto.

6) Uma pessoa pode ser mediadora se não for formada em letras ou áreas afins?

Sim. Ter um bom repertório literário pode facilitar o trabalho do mediador, mas não tê-lo não significa que não possa exercer bem sua função, o importante é ser um bom leitor e estar disposto a ampliar este repertório a fim de poder fazer indicações de leituras ao grupo.

7) O coordenador e o mediador podem ser a mesma pessoa?

Algumas pessoas preferem acumular as duas funções, no entanto, a divisão delas pode tornar o trabalho mais agradável e mais rico pela troca de ideias e experiências, além de ser prazeroso poder dividir as responsabilidades.

8) Além de ler o livro, o que mais o mediador precisa fazer?

É importante que o mediador se prepare para a reunião, e pode ser útil reunir algumas informações sobre o autor, o conjunto de sua obra, país de origem, contexto histórico cultural geográfico em que foi escrita. Em relação ao livro, é interessante listar alguns pontos que podem subsidiar a discussão: personagens, conflitos, temas tratados, trechos polêmicos ou impactantes, etc. Estas informações vão constituir o roteiro da reunião, que pode ser em *power point*, ou não.

9) Como se utilizar do roteiro da reunião?

O roteiro pode ser um instrumento de apoio ao mediador. Ele contém as informações levantadas a respeito do livro, do autor, entre outras e colabora na condução da reunião. O mediador pode apresentá-lo durante a reunião, ou simplesmente fazer uso dele quando necessário. Importante ressaltar que o roteiro não deve amarrar a reunião.

10) A reunião deve ter horário fixo?

A experiência mostra que é importante ter um horário para começar e para terminar a reunião, de forma a criar um hábito entre os participantes. Por isso, a pontualidade nas reuniões é fundamental para que os integrantes do grupo se acostumem com seu horário de início e término. O mediador também deve se preparar para conduzir a reunião no tempo previsto.

11) Se houver poucas pessoas presentes, começamos no horário agendado?

Se houver poucos participantes presentes no horário marcado, o mediador pode usar o roteiro para falar um pouco do autor, de sua obra, do contexto/época em que o livro foi escrito, enquanto os demais participantes se juntam ao clube. Com o tempo, todos vão se acostumar com o horário e tomar gosto pelas discussões. Porém, o preâmbulo não deve levar muito tempo, lembramos que o objetivo maior é a discussão do livro escolhido.

12) Qual a duração dessas reuniões?

Os encontros têm duração de uma hora a uma hora e meia. Lembramos que reuniões mais longas podem criar dispersão ou evasão dos participantes, reduzindo a adesão, ou mesmo acabando com o grupo.

13) Como escolher a data de uma reunião?

A data da reunião deve ser escolhida pensando em qual o melhor dia e horário para o associado ir ao clube para essa atividade.

14) O dia da reunião pode variar?

As reuniões do clube de leitura são encontros mensais e é importante que aconteçam sempre no mesmo dia da semana e no mesmo horário, para criar o hábito nos participantes. Por exemplo, toda terceira quinta-feira do mês, às 19h30. Para efeito de organização, inclusive, é importante que na primeira reunião se defina o calendário do semestre, comunicando por e-mail a todos os participantes e à coordenação do projeto no Sindi-Clube.

15) Como iniciar uma reunião?

Pode-se começar uma reunião como foi sugerido na resposta nº 11 ou com algumas perguntas básicas, como se gostaram do livro, que tipo de sentimento o livro gerou, o que acharam de cada um dos personagens, o que determinada cena, ação ou personagem representou no contexto, etc.

16) O que fazer quando todos ficam quietos na reunião?

Em qualquer momento de silêncio dos participantes, o mediador pode recorrer ao roteiro, daí sua importância.

17) Como fazer quando a discussão fica polarizada em um grupo restrito?

Muitas vezes, uma discussão pode ficar polarizada entre duas pessoas ou um pequeno grupo, ou mesmo fugir do tema da reunião. Quando isto ocorrer, use uma palavra ou ideia como gancho e leve a discussão para outro ponto pedindo a opinião de outras pessoas, de forma a não prejudicar a dinâmica da reunião.

18) E quando algum participante monopoliza as atenções?

Nesse caso, interrompa com gentileza e peça a opinião de outros.

19) Como estimular os mais tímidos a participarem das discussões?

Esclarecer que não há certo nem errado, em se tratando de livros e personagens, pode facilitar a participação dos mais tímidos. Sem esse comentário, podem ficar intimidados ao sentirem que sua percepção sobre o que foi lido não bate com a opinião geral. A participação de todos enriquece o encontro, pois traz a reflexão de visões e interpretações diferentes.

20) Como é feita a escolha do livro a ser lido?

No final de cada reunião deverá ser feita a escolha do livro da próxima reunião. Para isso, o mediador deverá sugerir de 2 a 3 livros, que já tenha lido e que tenha a ver com o perfil do grupo.

21) Os livros sugeridos devem se manter sempre dentro de um gênero?

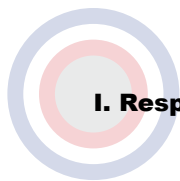
É importante que as sugestões tenham afinidade com o perfil leitor do grupo. Uma mudança brusca no tipo de leitura pode provocar evasão no grupo. A mudança deve ser gradual e sua velocidade estar alinhada ao ritmo do grupo. O mediador tem um importante papel nessa ampliação gradativa de repertório.

22) Mas há algum padrão para a escolha dos livros?

A prática tem mostrado que os livros não devem ultrapassar 250 páginas. Livros mais grossos podem ser sugeridos como leitura para um mês de férias, caso o grupo tenha este tipo de organização.

23) Como é o procedimento para a solicitação do livro do mediador?

O mediador tem direito a dois livros por mês: o que está programado para leitura e mais uma cortesia para ir conhecendo o catálogo da Companhia das Letras. A solicitação desses livros deve ser feita pelo mediador para maria.queiroz@companhiadasletras.com.br, copiando a coordenação do projeto no Sindi-Clube no e-mail universidade@sindiclubesp.com.br



I. Responsabilidades

Dos Coordenadores

- Encontrar um mediador para o clube de leitura.
- Montar a lista de participantes do clube de leitura, com dados de contato: telefone e e-mail e data de aniversário.
- Fechar, junto com a Cia. das Letras, parceria para compra de livro com desconto.
- Organizar os encontros: reservar e montar a sala em clima descontraído; solicitar serviço de água, chá/café e biscoitinhos para o dia. Se necessário, providenciar computador, tela, datashow e mesa para o mediador. Sugestão: comemorar os aniversariantes do mês.
- Montar a lista de presença e entregar para o mediador.
- Divulgar os encontros nos diversos meios disponíveis no clube, além do envio de e-mails.
- Enviar e-mail um dia após o encontro para os participantes avisando sobre o próximo (com dia, horário, local e livro escolhido).
- Enviar lembrete aos participantes sobre o próximo encontro dois dias antes (com dia, horário, local e livro escolhido).
- Montar e encaminhar o calendário das reuniões do semestre para os participantes.
- Estar em contato permanente com a coordenação do projeto no Sindi-Clube.
- Participar, se convocado, dos encontros de mediadores realizados no Sindi-Clube.

Dos Mediadores

- Procurar conhecer e ler os livros do catálogo da Companhia das Letras para poder indicar novas leituras ao grupo.
- Procurar conhecer o grupo com que vai trabalhar, de forma a poder sugerir leituras adequadas e a criar um espaço acolhedor. Conhecer melhor os membros do grupo facilitará ao mediador intermediar o debate e abrir espaço para que todos possam falar.

Pode, inclusive, manter contato durante o mês por e-mail com os participantes enviando comentários sobre a leitura.

- No final da reunião, sugerir 2 a 3 livros para que o grupo possa escolher o livro para o próximo encontro.
- Rer o livro do mês, levantando questões para discussão em grupo.
- Preencher a lista de presença para controle das participações.
- Participar dos encontros de mediadores realizados no Sindi-Clube.
- Participar do encontro anual de mediadores realizado pela Companhia das Letras.

Do Sindi-Clube

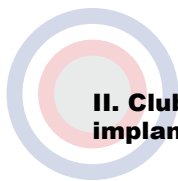
- Divulgar as atividades do Clube de Leitura para que os clubes filiados possam conhecer (e aderir) a mais essa atividade promovida pelo Sindi-Clube.
- Auxiliar os clubes, quando necessário, na montagem e incubação do Clube de Leitura.
- Ajudar os mediadores, quando necessário, nos primeiros encontros.
- Dar apoio aos coordenadores e mediadores dos clubes de leitura de clube junto à Companhia das Letras, quando necessário.
- Manter contato com Companhia das Letras e APL.
- Manter contato com os coordenadores e/ou mediadores dos grupos já formados.
- Organizar reuniões com mediadores e/ou coordenadores sempre que necessário.

Da Cia. das Letras

- Manter contato com a coordenação do projeto no Sindi-Clube.
- Manter a coordenação do projeto no Sindi-Clube informada a respeito de seus contatos com os clubes.
- Enviar o livro do mês, mais a cortesia escolhida, para cada um dos mediadores.
- Fornecer livros para o Sindi-Clube para poder acompanhar os clubes de leitura.
- Atualizar a coordenação do projeto no Sindi-Clube a respeito de livros interessantes lançados.
- A cada aniversário de cada Clube de Leitura, viabilizar encontro com um autor, especialista ou tradutor.

Da Academia Paulista de Letras

- Dar apoio institucional ao projeto.
- Realizar eventos em conjunto com o Sindi-Clube e Companhia das Letras.
- Enviar um representante às reuniões especiais comemorativas.



II. Clubes de leitura implantados

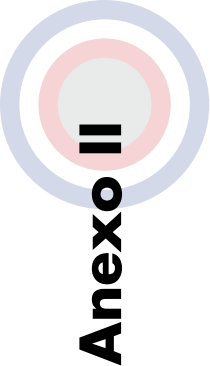
1. Clube de Leitura do Alphaville Tênis Clube
2. Clube de Leitura do Anhembi Tênis Clube
3. Clube de Leitura da Associação Brasileira “A Hebraica” de São Paulo (2 grupos)
4. Clube de Leitura do Club Athletico Paulistano
5. Clube de Leitura do Clube Atlético São Paulo
6. Clube de Leitura do Clube Jundiaiense
7. Clube de Leitura do Esporte Clube Pinheiros (2 grupos)
8. Clube de Leitura do Primeiro de Maio Futebol Clube de Santo André
9. Clube de Leitura do São Paulo Futebol Clube (2 grupos)
10. Clube de Leitura da Academia Paulista de Letras (2 grupos)



- I. Livros lidos nos clubes paulistas de agosto de 2012 a julho de 2014
- II. Ranking dos livros mais lidos nos clubes de leitura dos clubes paulistas
- III. Livros mais adotados no 1º semestre 2014 pelos clubes de leitura da Companhia das Letras
- IV. Resumo dos livros lidos nos clubes paulista de agosto de 2012 a julho de 2014
- V. Catálogo da Companhia das Letras - Alguns clássicos da língua portuguesa
- VI. Catálogo da Companhia das Letras - Alguns clássicos de língua estrangeira

Livros lidos nos clubes paulistas de agosto de 2012 a julho de 2014

- 1984 George Orwell
- A arte de ouvir o coração** Jan Philipp Sendker
- A Confissão da Leoa** Mia Couto
- A Disciplina do amor** Lygia Fagundes Telles
- A elegância do ouriço** Muriel Barbey
- A humilhação** Philip Roth
- A Lentidão** Milan Kundera
- A metamorfose** Franz Kafka
- A mulher que escreveu a Bíblia** Moacyr Scliar
- A outra volta do parafuso** Henry James
- A paz dura pouco** Chinua Achebe
- Amada** Toni Morrison
- Amor de novo** Doris Lessing
- Amor?** Ivan Angelo
- As avós** Doris Lessing
- As Brasas** Sandór Márai
- As esganadas** Jô Soares
- As Meninas** Lygia Fagundes Telles
- As virgens suicidas** Jeffrey Eugenides
- Barba ensopada de sangue** Daniel Galera
- Caixa Preta** Amós Oz
- Capitães de Areia** Jorge Amado
- Casa de encontros** Martin Amis
- Contos de Aprendiz** Carlos Drummond de Andrade
- De amor e trevas** Amós Oz
- Desonra** J.M.Coetzee
- Diário da Queda** Michel Laub
- Dois Irmãos** Milton Hatoum
- Eles eram muitos cavalos** Luiz Ruffato
- Entre amigos** Amós Oz
- Esaú e Jacó** Machado de Assis
- Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios** Marçal Aquino
- Eu sou Malala** Christina Lamb e Malala Yousafzai
- Festa no Covil** Juan Pablo Villalobos
- Fim** Fernanda Torres
- Fora do tempo** David Grossman
- Homem Comum** Philip Roth
- Homem em Queda** Don De Lillo
- Incidente em Antares** Érico Veríssimo
- Ithaca Road** Paulo Scott
- Leite Derramado** Chico Buarque
- Mar Inquieto** Yukio Mishima
- Maus** Art Spiegelman
- Na Praia** Ian McEwan
- Nêmesis** Philip Roth
- Noturno do Chile** Roberto Bolaño
- Nova Antologia Poética** Vinicius de Moraes
- O 11º Mandamento** Abraham Verghese
- O aleph** Jorge Luis Borges
- O ano da morte de Ricardo Reis** José Saramago
- O Centauro no Jardim** Moacyr Scliar
- O Coronel Chabert** Honoré de Balzac
- O Grande Gatsby** F. Scott Fitzgerald
- O Homem Duplicado** José Saramago
- O Menino do Pijama Listrado** John Boyne
- O Mundo se Despedaça** Chinua Achebe
- Orlando** Virginia Woolf
- Os Enamoramentos** Javier Marías
- Os Versos Satânicos** Salman Rushdie
- Papéis avulsos** Machado de Assis
- Persépolis** Marjane Satrapi
- Procurando Mônica** José Trajano
- Recordações do escrívão** Isaías Caminha Lima Barreto
- Retrato de uma senhora** Henry James
- Serena** Ian McEwan
- Sinuca embaixo d'água** Carol Bensimon
- Terra Sonâmbula** Mia Couto
- Todos os homens são mentirosos** Alberto Manguel
- Tudo o que eu tenho levado comigo** Herta Müller
- Um coração ardente** Lygia Fagundes Telles
- Um médico rural** Franz Kafka
- Uma aventura parisiense e outros contos de amor** Guy de Maupassant



Anexo II

Ranking livros de agosto de 2012 a julho de 2014 - 166 encontros

Livro	Autor	Encontros
1º As avós	Doris Lessing	9
2º A arte de ouvir o coração	Jan Philipp Sendker	7
Dois Irmãos	Milton Hatoum	7
3º As Brasas	Sandór Márai	6
Desonra	J.M.Coetzee	6
Eles eram muitos cavalos	Luiz Ruffato	6
Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios	Marçal Aquino	6
Um coração ardente	Lygia Fagundes Telles	6
4º A Confissão da Leoa	Mia Couto	5
Na Praia	Ian McEwan	5
Terra Sonâmbula	Mia Couto	5
5º A Disciplina do amor	Lygia Fagundes Telles	4
Diário da Queda	Michel Laub	4
Entre amigos	Amós Oz	4
O aleph	Jorge Luis Borges	4
6º Barba ensopada de sangue	Daniel Galera	3
Homem Comum	Philip Roth	3
Nêmesis	Philip Roth	3
O Coronel Chabert	Honoré de Balzac	3
O Grande Gatsby	F. Scott Fitzgerald	3
Papéis avulsos	Machado de Assis	3
Uma aventura parisiense e outros contos de amor	Guy de Maupassant	3



Anexo III

Livros mais adotados no 1º semestre 2014 Companhia das Letras

Livro	Autor
Dois Irmãos	Milton Hatoum
Fim	Fernanda Torres
As Avós	Doris Lessing
A Elegância do Ouriço	Muriel Barbery
O Aleph	Jorge Luis Borges
A Arte de Ouvir o Coração	Jan-Philipp Sendker
O amor acaba	Paulo Mendes Campos
Terra Sonâmbula	Mia Couto
Orlando	Virginia Wolf
Uma aventura parisiense e outros contos de amor	Guy de Maupassant



1984

"Winston, herói de 1984, último romance de George Orwell, vive aprisionado na engrenagem totalitária de uma sociedade completamente dominada pelo Estado, onde tudo é feito coletivamente, mas cada qual vive sozinho. Ninguém escapa à vigilância do Grande Irmão, a mais famosa personificação literária de um poder cínico e

cruel ao infinito, além de vazio de sentido histórico. De fato, a ideologia do Partido dominante em Oceânia não visa nada de coisa alguma para ninguém, no presente ou no futuro. O'Brien, hierarca do Partido, é quem explica a Winston que "só nos interessa o poder em si. Nem riqueza, nem luxo, nem vida longa, nem felicidade: só o poder pelo poder, poder puro". Quando foi publicada em 1949, poucos meses antes da morte do autor, essa assustadora distopia datada de forma arbitrária num futuro perigosamente próximo logo experimentaria um imenso sucesso de público. Seus principais ingredientes - um homem sozinho desafiando uma tremenda ditadura; sexo furtivo e libertador; horrores letais - atraíram leitores de todas as idades, à esquerda e à direita do espectro político, com maior ou menor grau de instrução. À parte isso, a escrita translúcida de George Orwell, os personagens fortes, traçados a carvão por um vigoroso desenhista de personalidades, a trama seca e crua e o tom de sátira sombria garantiram a entrada precoce de 1984 no restrito panteão dos grandes clássicos modernos. A obra magistral de George Orwell ainda hoje se impõe como

uma poderosa reflexão ficcional sobre os excessos delirantes, mas perfeitamente possíveis, de qualquer forma de poder incontestado, seja onde for."



A arte de ouvir o coração

Um bem-sucedido advogado de Nova York desaparece de repente sem deixar vestígios e sem que sua família tenha qualquer ideia de onde ele possa estar. Até o dia em que Julia, sua filha, encontra uma carta de amor que ele escreveu há muitos anos para uma mulher birmanesa da qual nunca tinham

ouvido falar. Com a intenção de resolver o mistério e descobrir enfim o passado de seu pai, Julia decide viajar para a aldeia onde a mulher morava. Lá, ela descobre histórias de um sofrimento inimaginável, a resistência e a paixão que irão reafirmar a crença no poder que o amor tem de mover montanhas.



A confissão da leoa

"Em 2008, quando Mia Couto participava da expedição de uma equipe de estudos ambientais ao norte de Moçambique, começaram a ocorrer na região ataques de leões a pessoas. Essa experiência inspirou o autor a escrever este romance singular. Em A confissão da leoa, uma aldeia moçambicana é alvo de

ataques mortais de leões provenientes da savana. O alarme chega à capital do país e um experimentado caçador, Arcanjo Baleiro, é enviado à região. Chegando lá, porém, ele se vê emaranhado numa teia de relações complexas e enigmáticas, em que os fatos, as lendas e os mitos se misturam. Uma habitante da aldeia, Mariamar, em permanente desacordo com a família e os vizinhos, tem suas próprias teorias sobre a origem e a natureza dos ataques das feras. A irmã dela, Silênciosa, foi a vítima mais recente. O livro é narrado alternadamente pelos dois, Arcanjo e Mariamar, sempre em primeira pessoa. Ao longo das páginas, o leitor fica sabendo que eles já tiveram um primeiro encontro muitos anos atrás, quando Mariamar era adolescente e o caçador visitou a aldeia. O confronto com as feras leva os personagens a um enfrentamento consigo mesmos, com seus fantasmas e culpas. A situação de crise põe a nu as contradições da comunidade, suas relações de poder, bem como a força, por vezes libertadora, por vezes opressiva, de suas tradições e mitos."



A Disciplina do Amor

“Ao publicar A disciplina do amor, em 1980, Lygia Fagundes Telles já era a consagrada autora de três romances e dez coletâneas de contos. Apesar de seu êxito como romancista, muitos críticos tinham apontado a ficção curta como o território de maior maestria da escritora. Agora ela ressurgia experimentando uma escrita mais livre, que

despreza as fronteiras entre a ficção e a realidade, a invenção e a memória, o conto e o relato autobiográfico. Estava lançado o desafio à separação rígida dos gêneros literários. O resultado foi um dos livros mais bem-sucedidos da autora, vencedor do Prêmio Jabuti e do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), agora em nova edição, revista pela autora. “No princípio era o caderno”, diz logo no início do livro o título de um dos fragmentos, referindo-se aos tradicionais diários das moças de antigamente. Espécie de paródia amadurecida de um discurso da intimidade juvenil, o livro estende sobre o mundo um olhar atento, às vezes desencantado, mas sempre compreensivo e terno, na busca incessante da única hipótese de sabedoria cabível nos tempos modernos: “controlar essa loucura razoável”, seguindo o exemplo da “disciplina indisciplina” dos apaixonados.”



A elegância do ouriço

“À primeira vista, não se nota grande movimento no número 7 da Rue de Grenelle: o endereço é chique, e os moradores são gente rica e tradicional. Para ingressar no prédio e poder conhecer seus personagens, com suas manias e segredos, será preciso infiltrar um agente ou uma agente ou - por que não? - duas agentes. É justamente o que faz

Muriel Barbery em A elegância do ouriço, seu segundo romance. Para começar, dando voz a Renée, que parece ser a zeladora por excelência: baixota, ranzinza e sempre pronta a bater a porta na cara de alguém. Na verdade, uma observadora refinada, ora terna, ora ácida, e um personagem complexo, que apaga as pegadas para que ninguém adivinhe o que guarda na toca: um amor extremado às letras e às artes, sem as nódoas de classe e de esnobismo que mancham o perfil dos seus muitos patrões. E ainda há Paloma, a caçula da família Josse. O pai é um figurão da política, a mãe dondoca tem doutorado em letras, a irmã mais velha jura que é filósofa, mas Paloma conhece bem demais o verso e o reverso da vida familiar para engolir a história oficial. Tanto que se impõe um desafio terrível: ou descobre algum sentido para a vida, ou comete suicídio (seguido de incêndio) no seu

aniversário de treze anos. Enquanto a data não chega, mantém duas séries de anotações pessoais e filosóficas: os Pensamentos profundos e o Diário do movimento do mundo, crônicas de suas experiências íntimas e também da vida no prédio. As vozes da garota e da zeladora, primeiro paralelas, depois entrelaçadas, vão desenhando uma espiral em que se misturam argumentos filosóficos, instantes de revelação estética, birras de classe e maldades adolescentes, poemas orientais e filmes blockbuster. As duas filósofas, Renée e Paloma, estão inteiramente entregues a esse ímpeto satírico e devastador, quando chega de mudança o bem-humorado Kakuro Ozu, senhor japonês com nome de cineasta que, sem alarde, saberá salvá-las tanto da mediocridade geral como dos próprios espinhos.”



A humilhação

“Aos 65 anos, Simon Axler, um renomado ator de teatro, sobe no palco e constata que não sabe mais atuar. De uma hora para outra toda sua autoconfiança se esvai, e ele perde a capacidade de interpretar os personagens que, ao longo de uma extensa carreira artística, haviam lhe trazido renome. A partir daí, sua vida entra numa espiral de

perdas: a mulher vai embora, o público o abandona e seu agente não consegue convencê-lo a retomar o trabalho. Obcecado com a ideia do suicídio, Simon se interna numa clínica psiquiátrica. No meio desse relato terrível de uma autoanulação inexplicável e apavorante, irrompe um enredo em sentido contrário. Simon se envolve numa relação passional com uma mulher mais jovem, homossexual, filha de um casal de atores que ele conheceu na juventude. Nasce daí um desejo erótico avassalador, um consolo para uma vida de privação, mas tão arriscado e aberrante que aponta não para o conforto e a gratificação, e sim para um desenlace ainda mais negro e chocante. Nessa longa viagem noite adentro, relatada com a combinação de intensidade, virtuosismo e seriedade que é a marca de Philip Roth, todos os artifícios que usamos para nos convencer de nossa solidez, todos os desempenhos de nossas vidas - talento, amor, sexualidade, esperança, energia, reputação -, tudo isso vira pó.”



A lentidão

Integrando diversos personagens em planos múltiplos - o próprio autor e sua mulher, um entomólogo tcheco, os personagens de uma novela libertina do século XVIII, o “dançarino” -, Kundera propõe, em A lentidão, uma discussão a um

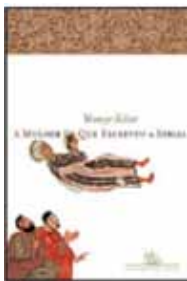
tempo profunda e prazerosa sobre a dificuldade de apreensão do real ante a velocidade da vida moderna, a memória e o esquecimento, o clima frenético de hoje e uma época em se podia retardar o movimento em favor da fruição.



A metamorfose

A metamorfose é a mais célebre novela de Franz Kafka e uma das mais importantes de toda a história da literatura. Sem a menor cerimônia, o texto coloca o leitor diante de um caixeiro-viajante - o famoso Gregor Samsa - transformado em inseto monstruoso. A partir daí, a história é narrada com um realismo inesperado que associa o inverossímil e o senso de humor ao que é trágico, grotesco e cruel na condição humana - tudo no estilo transparente e perfeito desse mestre inconfundível da ficção universal.

verossímil e o senso de humor ao que é trágico, grotesco e cruel na condição humana - tudo no estilo transparente e perfeito desse mestre inconfundível da ficção universal.



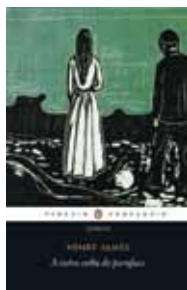
A mulher que escreveu a Bíblia

“A mulher que escreveu a Bíblia é um pequeno romance em que se fundem as três maiores qualidades do gaúcho Moacyr Scliar: a imaginação, o humor e a fluência narrativa. Ajudada por um ex-historiador que se converteu em “terapeuta de vidas passadas”, uma mulher

de hoje descobre que no século X antes de Cristo foi uma das setecentas esposas do rei Salomão - a mais feia de todas, mas a única capaz de ler e escrever. Encantado com essa habilidade inusitada, o soberano a encarrega de escrever a história da humanidade - e, em particular, a do povo judeu - tarefa a que uma junta de escribas se dedica há anos sem sucesso. Com uma linguagem que transita entre a elevada dicção bíblica e o mais baixo calão, a anônima redatora conta sua trajetória, desde o tempo em que não passava de uma personagem anônima, filha de um chefe tribal obscuro. Moacyr Scliar recria o cotidiano da corte de Salomão e oferece novas versões de célebres episódios bíblicos. Em sua narrativa, repleta de malícia e irreverência, a sátira e a aventura são matizadas pela profunda simpatia do autor pelos excluídos de todas as épocas e lugares.”

A outra volta do parafuso

“A outra volta do parafuso conta a história da jovem filha de um pároco que, iniciando-se na carreira de professora, aceita mudar-se para a propriedade de Bly, em Essex, arredores de Londres. Seu patrão é tio e tutor de duas



crianças, Flora e Miles, cujos pais morreram na Índia, e deseja que a narradora (que não é nomeada) seja a governanta da casa de Bly. Ao chegar a Essex, a jovem logo percebe que duas aparições, atribuídas a antigos criados já mortos, assombram a casa. O triunfo íntimo da protagonista, mais que desvendar o mistério de

Bly, consiste em vencer o silêncio imposto pela diferença de condição social entre ela e seus pequenos alunos. Desde que foi publicada, sucessivas gerações de leitores, críticos e artistas têm se inspirado na maestria narrativa desta novela, cuja tradução de Paulo Henriques Britto reconstituiu com precisão a elegante contundência do original inglês.”

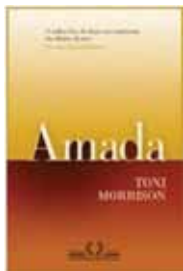


A paz dura pouco

“A paz dura pouco, do celebrado escritor africano Chinua Achebe, começa com o julgamento de Obi Okonkwo, acusado de aceitar uma propina de valor irrisório. Em seguida, o romance conta a escalada de eventos dramáticos e inescapáveis que levaram Obi ao tribunal.

Nascido em uma pequena aldeia

de etnia ibo, ele consegue uma bolsa para completar a sua formação na Inglaterra. Chegando a Londres, desiste do curso de direito para se dedicar ao estudo da língua inglesa. Lá, conhece a bela Clara. De início, Clara rejeita Obi, mas os dois se reencontram no navio de regresso à Nigéria e dão início a um relacionamento apaixonado e tumultuoso. A certa altura, Clara revela um segredo que proíbe o casamento entre eles: ela é uma osu, herdeira de uma família de párias, proscritos da sociedade nigeriana. Além dos problemas no relacionamento, Obi enfrenta dificuldades financeiras. Empregado pelo governo, Obi se dedica com afinco ao trabalho, mas afundado em dívidas passa a aceitar subornos. Certo dia, cai em uma armadilha que o levará ao tribunal e à condenação. A paz dura pouco é um romance sobre os conflitos entre o idealismo e o poder sedutor do dinheiro, entre o desejo de emancipação do indivíduo e as exigências dos costumes ancestrais. Embora trate de temas universais, como o choque de civilizações e a submissão dos filhos aos preceitos e convicções dos pais, este romance é também uma expressão eloquente do refinamento artístico de um autor empenhado em narrar a história a partir de um ponto de vista africano.”



Amada

“Livro mais conhecido da escritora americana Toni Morrison, prêmio Nobel de Literatura de 1993, Amada ganhou o Pulitzer de 1988 e em 2006 foi eleito pelo New York Times a obra de ficção mais importante dos últimos 25 anos nos Estados Unidos. Em 1998 recebeu uma adaptação cinematográfica - A

bem-amada -, com Oprah Winfrey no papel principal. A história se passa nos anos posteriores ao fim da Guerra Civil, quando a escravidão havia sido abolida nos Estados Unidos. Sethe é uma ex-escrava que, após fugir com os filhos da fazenda em que era mantida cativa, foi refugiar-se na casa da sogra em Cincinatti. No caminho, ela dá à luz um bebê, a menina Denver, que vai acompanhá-la ao longo da história. Amada tem uma estrutura sinuosa, não-linear: viaja do presente ao passado, alterna pontos de vista, sonda cada uma das facetas que compõem esta história sombria e complexa. Considerado um clássico contemporâneo, faz um retrato a um tempo lírico e cruel da condição do negro no fim do século XIX nos Estados Unidos.”

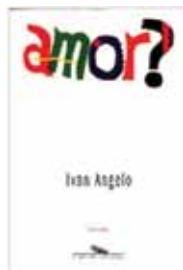


Amor de novo

“...o tempo todo, impalpáveis, invisíveis, cinzas choviam pelo ar, cinzas que só podiam ser vistas quando uma boa camada se asentava, nela, nos mais velhos, nos idosos, cinzas e pó desbotando as cores da pele e do cabelo.” Podem o amor e o desejo sobreviver ao tempo? Os desejos e anseios da pessoa apaixonada têm suas raízes na necessidade de amor da primeira infância, diz Doris Lessing neste romance. Quando Sarah Durham se apaixona, aos sessenta e cinco anos, está revivendo as etapas de seu próprio crescimento: com o belo e andrógino Bill ela vive um amor imaturo e infantil; com Henry chega à maturidade. Um romance que tem muito em comum com O camê dourado, em suas ironias e complexidades.”

Amor?

“João é o marido: profissional bem-sucedido, de meia-idade. Isabel é a esposa frágil, que aprendeu a pagar com seu silêncio a manutenção do casamento. A amante é



Vida, de origem humilde, bem mais jovem que João, e parte hoje para a Alemanha. Daqui a alguns dias, ela terá um romance. Uns dias mais e João começará a distanciar-se. Foi amor? Com esse enredo simples, Ivan Angelo descreve com precisão e sensibilidade a psicologia clássica do marido feliz e infeliz, traindo em segredo para eliminar a hipótese da separação, reensaiando o amor na parte oculta de seus dias. Escrita na forma de diário, a novela aproxima o leitor do personagem principal e produz um excelente retrato. Quase implacável. Mas fiel. Prêmio Jabuti 1996 de Melhor Romance.”



As avós

“Roz e Lil são amigas inseparáveis desde a infância. Cresceram, casaram, tiveram filhos, e vivem na paradisíaca bacia de Baxter, um lugar cercado de rochas por todos os lados. O ambiente protegido, “bocejante”, além do qual o “verdadeiro oceano rugia e roncava”, é o cenário ideal para uma relação cada vez mais simbiótica. Morando em casas vizinhas,

elas criam os filhos por conta própria - e eles se tornam adolescentes encantadores. Tão encantadores e próximos, que Roz e Lil não tardam a se envolver uma com o filho da outra. Num efeito ambíguo e desconcertante, típico da grande literatura, o que poderia parecer repulsivo é tratado com naturalidade e bom-humor, fazendo a quebra de tabus soar como regra, e não como dramática exceção. Temas como amizade, maternidade e sexualidade ganham novos contornos enquanto Doris Lessing esmiúça as complexidades e armadilhas da forte ligação entre essas duas mulheres, e retrata a força com que elas confrontam as convenções familiares e sociais de sua época.”



As brasas

“As brasas é um romance sobre a amizade, a paixão amorosa e a honra. Conta a história de dois homens que não se vêem há 41 anos. Foram amigos inseparáveis na infância, mas um dia, em 1899, um deles desapareceu. Algo muito grave aconteceu naquele dia, e é esse o enigma que agora, já no fim da vida, eles vão decifrar. Move-se entre os dois o fantasma de Krizti-

na, por quem eles travarão um duelo que se inicia como um civilizado jogo de esgrima, mas logo se torna uma luta árdua, embora os duelistas só disponham de uma arma: as palavras. O húngaro Sándor Márai nasceu em 1900. Exilou-se em 1948,

inconformado com a implantação do comunismo em seu país. Em 1979 fixou-se nos Estados Unidos, onde se suicidou. As brasas é sua primeira obra “



As esganadas

“Em As esganadas, o autor do best-seller O xangô de Baker Street explora mais uma vez tema que lhe é caro: os assassinatos em série. No entanto, tal como Alfred Hitchcock, que desprezava os romances policiais cujo objetivo se resume a descobrir quem é o criminoso (o famoso “whodonit”), Jô Soares revela logo no início não somente quem é

o desalmado como sua motivação psicológica (melhor dizer psicanalítica) para matar. O delicioso núcleo narrativo está nas tentativas aparvalhadas da polícia de encontrar um criminoso que, além de muito esperto e de não despertar suspeita nenhuma, possui uma rara característica física que dificulta sobremaneira a utilização dos novos “métodos científicos” da polícia carioca. Para investigar os crimes, o famigerado chefe de polícia Filinto Müller designa um delegado ranzinza, assessorado por um auxiliar obtuso e medroso, e que contará com a inestimável ajuda de um sofisticado e culto ex-inspetor. Na perseguição ao criminoso, os três investigadores ganham a desejável companhia de uma jovem linda, destemida, viajada e moderna, que é repórter e fotógrafa da principal revista ilustrada do país. O leitor também pode se faltar aqui com uma outra faceta constante da obra literária de Jô Soares: a escolha de um momento do passado para cenário de sua narrativa, o que lhe permite entrar em detalhes históricos curiosos enquanto desenvolve a trama. Desta vez, voltamos ao Rio de Janeiro do Estado Novo, tendo por pano de fundo mais amplo o avanço do nazismo e as primeiras nuvens ameaçadoras que anunciam a Segunda Guerra Mundial. Entre os eventos da época que Jô resgata estão uma corrida de automóveis no Circuito da Gávea (de que participam o cineasta Manoel de Oliveira e o lendário Chico Landi) e a transmissão pelo rádio da derrota do Brasil de Leônidas da Silva para a Itália na semifinal da Copa de 1938, na França. Com a verve que lhe é característica, Jô consegue, neste As esganadas, realizar a façanha de narrar uma série de crimes brutais, com requintes inimagináveis de crueldade, e deixar o leitor com um sorriso satisfeito nos lábios.”

As Meninas

“Num pensionato de freiras paulistano, em 1973, três jovens universitárias começam sua vida adulta de maneiras bem diversas. A burguesa Lorena, filha de família quatrocentona, nutre veleidades artísticas e literárias. Namora um homem casado, mas permanece virgem. A drogada Ana Clara, linda como uma modelo, divide-se entre o noivo rico e o aman-



te traficante. Lia, por fim, milita num grupo da esquerda armada e sofre pelo namorado preso. As meninas colhe essas três criaturas em pleno movimento, num momento de impasse em suas vidas. Transitando com notável desenvoltura da primeira pessoa narrativa para a terceira, assumindo ora o ponto de vista de uma ora de outra das protagonistas, Lygia

Fagundes Telles constrói um romance pulsante e polifônico, que capta como poucos o espírito daquela época conturbada e de vertiginosas transformações, sobretudo comportamentais. Obra de grande coragem na época de seu lançamento (1973), por descrever uma sessão de tortura numa época em que o assunto era rigorosamente proibido, As meninas acabou por se tornar, ao longo do tempo, um dos livros mais aplaudidos pela crítica e também um dos mais populares entre os leitores da autora.”



As virgens suicidas

“Num típico subúrbio dos Estados Unidos nos anos 1970, cinco irmãs adolescentes se matam em sequência e sem motivo plausível. A tragédia, ocorrida no seio de uma família que, em oposição aos efeitos já perceptíveis da revolução sexual, vive sob severas restrições morais e religiosas, é narrada pela voz coletiva e fascinada de um grupo de garotos da vizinhança. O coro lírico que então se forma ajuda a dar um tom sui generis a esta fábula da inocência perdida. Adaptado ao cinema por Sofia Coppola, publicado em 34 idiomas e agora em nova tradução, o livro de estreia de Jeffrey Eugenides logo se tornou um cult da literatura norte-americana contemporânea. Não por acaso: essa obra de beleza estranha e arrebatadora, definida pela crítica Michiko Kakutani como “pequena e poderosa ópera no formato inesperado de romance”, revela-se ainda hoje em toda a sua atualidade.”



Barba enspada de sangue

“Neste quarto romance de Daniel Galera, um professor de educação física busca refúgio em Garopaba, um pequeno balneário de Santa Catarina, após a morte do pai. O protagonista (cujo nome não conhecemos) se afasta da relação contur-

bada com os outros membros da família e mergulha em um isolamento geográfico e psicológico. Ao mesmo tempo, ele empreende a busca pela verdade no caso da morte do avô, o misterioso Gaudério, que teria sido assassinado décadas antes na mesma Garopaba, na época apenas uma vila de pescadores. Sempre acompanhado por Beta, cadela do falecido pai, o professor esquadrinha as lacunas do pouco que lhe é revelado, a contragosto, pelos moradores mais antigos da cidade. Portador de uma condição neurológica congênita que o obriga a interagir com as outras pessoas de modo peculiar, o professor estabelece relações com alguns moradores: uma garçonete e seu filho pequeno, os alunos da natação, um budista histrionico, a secretária de uma agência turística de passeios. Aos poucos, ele vai reunindo as peças que talvez lhe permitam entender melhor a própria história. É também com lacunas e peças aparentemente díspares que Galera constrói sua narrativa. Dotado de um senso impecável de ritmo, ele alterna descrições ricas em sutileza e detalhamento com diálogos ágeis e de rara verossimilhança, que dão vida a um elenco de personagens inesquecíveis. Barba ensopada de sangue resgata e leva às últimas consequências temas e conflitos das obras anteriores do autor, tais como: a construção da identidade e, nesse processo, as dificuldades que enfrentamos para entender e reconhecer os outros; a necessidade inconfessa de uma reparação talvez inviável; a busca pela unidade entre mente e corpo; o consolo afetivo que o contato com a natureza e os animais é capaz de nos proporcionar; os diversos tipos de violência que podem irromper em meio a uma existência domesticada.”



A caixa preta

“Que segredos pode conter a caixa preta de um avião que caiu? Revelações sobre as razões da queda, gritos de horror, pânico, tentativas desesperadas de salvação: vestígios da catástrofe. O romance do israelense Amós Oz tem tudo isso, mas a caixa preta a que se refere o título não pertence a um avião, e sim a uma

relação amorosa desfeita. Anos depois do divórcio escandaloso, a esposa rejeitada Ilana emerge das cinzas do tempo, da distância e do rancor para passar a limpo seu casamento com Alex Guideon, professor e escritor mundialmente famoso. Com dinheiro, Alex tenta silenciar o passado que sangra. Mas as coisas mudaram. Entre ele e a ex-mulher, agora há também Boaz, filho dos dois, explodindo de juventude e violência, e Michel Sommo, o novo marido de Ilana, burocrata medíocre e fanático religioso. Todas essas vozes, com suas melodias diversas, matizadas às vezes pelos tons mais sombrios da sexualidade (ninfomania, sadomasoquismo,

voyeurismo), são brilhantemente orquestradas pelo autor, que aqui se vale da clássica forma do romance epistolar. As várias primeiras pessoas revelam-se por si mesmas, em secos telegramas, bilhetes mal escritos ou longas cartas. Ao mesmo tempo, por trás de paixões pessoais tão intensas que beiram a loucura, desenha-se com precisão o complexo panorama social, religioso e político da vida em Israel nos últimos anos. Fortemente erótico, mas também engraçado e poético, A caixa preta só revela aos poucos sua sabedoria mais funda e amarga: somente a proximidade da morte e a consciência da finitude do corpo podem apaziguar as paixões. Aquilo que parecia apenas uma enlameada rede de intrigas, por meio da solidariedade que lentamente une essas personagens desgraçadas, reveste o livro de uma terrível dignidade. Além de ser inesquecível, este romance conquista algo raro - grandeza humana.”



Capitães da Areia

“Desde o seu lançamento, em 1937, Capitães da Areia causou escândalo: inúmeros exemplares do livro foram queimados em praça pública, por determinação do Estado Novo. Ao longo de sete décadas a narrativa não perdeu viço nem atualidade, pelo contrário: a vida urbana dos meninos

pobres e infratores ganhou contornos trágicos e urgentes. Várias gerações de brasileiros sofreram o impacto e a sedução desses meninos que moram num trapiche abandonado no areal do cais de Salvador, vivendo à margem das convenções sociais. Verdadeiro romance de formação, o livro nos torna íntimos de suas pequenas criaturas, cada uma delas com suas carências e suas ambições: do líder Pedro Bala ao religioso Pirulito, do ressentido e cruel Sem-Pernas ao aprendiz de café Gato, do sensato Professor ao rústico sertanejo Volta Seca. Com a força envolvente da sua prosa, Jorge Amado nos aproxima desses garotos e nos contagia com seu intenso desejo de liberdade.”



Casa de encontros

“Em Casa de Encontros, Martin Amis se vale de recursos ficcionais para revelar dimensões obscuras do totalitarismo. O livro narra o acerto de contas de um velho russo com um passado que ainda o assombra. Ex-combatente da Segunda Guerra Mundial, ele esteve confinado durante mais de dez anos num campo de trabalhos forçados na Sibéria, acusado de

traição política. Quase cinquenta anos depois, rico e repatriado nos Estados Unidos, ele volta ao país de origem e numa extensa carta à enteada revive o tempo de provação. No centro do relato estão seu meio-irmão, Lev, preso no mesmo campo, e Zoya, dona dos atributos físicos mais disputados de Moscou. Feio, gago, pacifista, Lev é o antípoda do narrador, cuja índole pragmática e violenta mostra-se determinante para a sobrevivência de ambos no gulag. Foi ao mais frágil, contudo, que Zoya preferiu entregar-se definitivamente e, depois de anos presos, é ele quem ela vai visitar na Casa de Encontros, como era chamado o local reservado para visitas íntimas. Os efeitos desse reencontro sobre os três personagens são decisivos - e é de seus desdobramentos que trata este livro. Os pormenores da vida no gulag sobrepõem-se às linhas gerais do terrorismo de Estado, e o panorama sociológico dá lugar aos dados da observação meticulosa do narrador: o périplo de um oficial sem mãos para acender um cigarro, os códigos tácitos entre os prisioneiros, os laivos de solidariedade fraterna, a exaltação às formas femininas. Em foco estão as contradições de um sujeito capaz de naturalizar o ambiente de opressão ao redor - e um triângulo amoroso em luta para se constituir. Capaz de conjugar a destreza do prosador tarimbado à verve do polemista, Amis compõe um comentário político que extrai intensidade justamente da criação ficcional."



Contos de aprendiz

"Drummond não escreveu muitos contos ao longo de sua carreira. Daí a importância de um livro como este Contos de aprendiz. Publicado originalmente em 1951 (mesmo ano de Claro enigma), o livro seria a primeira investida em larga escala do autor numa obra de ficção. Antes, publicara a pequena novela "O gerente" (que faz parte do volume) em uma modesta edição.

Os temas dos quinze contos giram praticamente na mesma órbita de grande parte da poesia do autor: o memorialismo, o relato da vida acanhada no interior do Brasil do início do século XX, a observação do cotidiano mais miúdo, uma ironia gentil, a observação - despida de qualquer sentimentalismo - da inevitável passagem do tempo. Tudo arranjado com delicadeza e inteligência. O autor destes contos busca um estilo ameno, oral-cultivado, em alguns momentos passadista, noutros impregnado de brasilidade. De todo modo, reconhece-se um contista herdeiro dos avanços efetuados pela Semana de Arte Moderna de 1922, principalmente no retrato pouco indulgente da classe média interiorana e no ouvido afiado para o diálogo realista. Algumas das histórias reunidas neste volume se tornariam verdadeiros clássicos da ficção moderna brasileira, como "A salvação da alma", "O sorvete" e "O gerente", cativando ainda hoje

leitores de todas as idades. Outras merecem ser conhecidas ou revisitadas, pois atestam a maestria de um autor cujos maiores recursos sempre foram a razão e a sensibilidade."



De amor e trevas

"Entre a autobiografia e o romance, De amor e trevas é a extraordinária recriação dos caminhos percorridos por Israel no século XX, da diáspora à fundação de uma nação e de uma língua: o hebraico moderno. É também uma reflexão sobre a história do sionismo e a criação de Israel como necessidade histórica

de um povo confrontado com a ameaça de extinção. Ganhador do Prêmio France Culture de 2004 e do Prêmio Goethe do mesmo ano, o livro extrai sua grandeza da simplicidade de um gesto narrativo que faz do olhar de um menino o fio condutor de uma história vigorosa e bela da constituição da identidade de um garoto e uma nação. Essa confluência é sintetizada em cenas que marcaram a memória do escritor, como a da multidão que ouve pelo rádio, numa praça de Jerusalém, a votação da ONU que determinou a criação do Estado de Israel - cenas que se imprimem na mente do leitor com uma notável força narrativa. Confrontado com o suicídio da mãe aos doze anos, três anos depois Oz declara sua independência e volta as costas para o mundo em que crescera a fim de assumir uma nova identidade num novo lugar: o kibutz Hulda, na fronteira com o mundo árabe."



Desonra

"Sucesso de público e crítica - foi publicado em mais de vinte países e ganhou o Booker Prize, o mais importante prêmio literário da Inglaterra -, Desonra é considerado o melhor romance de J. M. Coetzee. O livro conta a história de David Lurie, um homem que cai em desgraça. Lurie é um professor de literatura que não sabe

como conciliar sua formação humanista, seu desejo amoroso e as normas politicamente corretas da universidade onde dá aula. Mesmo sabendo do perigo, ele tem um caso com uma aluna. Acusado de abuso, é expulso da universidade e viaja para passar uns dias na propriedade rural da filha, Lucy. No campo, esse homem atormentado toma contato com a brutalidade e o ressentimento da África do Sul pós-apartheid. Com personagens vivos, com um ritmo narrativo que magnetiza o leitor, Desonra investiga as relações entre as classes, os sexos,

as raças, tratando dos choques entre um passado de exploração e um presente de acerto de contas, entre uma cultura humanista e uma situação social explosiva.”



Diário da queda

“Um garoto de treze anos se machuca numa festa de aniversário. Quando adulto, um de seus colegas narra o episódio. A partir das motivações do que se revela mais que um acidente, cujas consequências se projetam em diversos fatos de sua vida nas décadas seguintes - a adolescência conturbada,

uma mudança de cidade, um casamento em crise -, ele constrói uma reflexão corajosa sobre identidade, afeto e perda. Dessa reflexão fazem parte também as trajetórias de seu pai, com quem o protagonista tem uma relação difícil, e de seu avô, sobrevivente de Auschwitz que passou anos escrevendo um diário secreto e bizarro. São três gerações, cuja história parece ser uma só; são lembranças que se juntam de maneira fragmentada, como numa lista em que os fatos carregam em si tanto inocência quanto brutalidade. Numa prosa que oscila entre violência, lirismo e ironia, com pausas para uma neutralidade quase documental na descrição de cheiros, gostos, sons, fatos e sentimentos, Diário da queda - livro selecionado pela Bolsa Funarte de Criação Literária - é uma viagem inusitada pela memória de um homem no momento em que ele precisa fazer a escolha que mudará sua vida.”

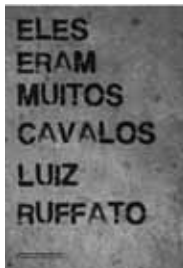


Dois irmãos

“Onze anos depois da publicação de Relato de um certo Oriente, Milton Hatoum retoma os temas do drama familiar e da casa que se desfaz. Dois irmãos é a história de como se constroem as relações de identidade e diferença numa família em crise. O enredo desta vez tem como centro a história de dois irmãos

gêmeos - Yaqub e Omar - e suas relações com a mãe, o pai e a irmã. Moram na mesma casa Domingas, empregada da família, e seu filho. Esse menino - o filho da empregada - narra, trinta anos depois, os dramas que testemunhou calado. Buscando a identidade de seu pai entre os homens da casa, ele tenta reconstruir os cacos do passado, ora como testemunha, ora como quem ouviu e guardou, mudo, as histórias dos outros. Do seu canto, ele vê personagens que se entregam ao incesto, à vingança, à paixão desmesurada. Olugar da família se estende ao espaço de Manaus, o porto à mar-

gem do rio Negro: a cidade e o rio, metáforas das ruínas e da passagem do tempo, acompanham o andamento do drama familiar. Prêmio Jabuti 2001 de Melhor Romance.”



Eles eram muitos cavalos

“Lançado originalmente em 2001, o romance Eles eram muitos cavalos tornou seu autor num grande sucesso de público e crítica. Com uma voz literária original e arrebatadora, Luiz Ruffato retrava um dia na vida de São Paulo, combinando recursos de sua formação jornalística a

inovações formais e estéticas. O romance, que chega neste relançamento à sua 11ª edição, seria ainda vencedor dos prêmios APCA e Machado de Assis. Considerado pelo jornal O Globo um dos dez melhores livros de ficção da década, está publicado em Portugal, na França, Itália, Alemanha, Colômbia e Argentina. O nove de maio de 2000 é um dia qualquer em São Paulo. Os habitantes seguem realizando pequenos e grandes feitos cotidianos, protagonistas de uma narrativa subterrânea, que representa, ao fim e ao cabo, o próprio tecido da cidade. Para captar essa polifonia urbana, Ruffato estruturou seu romance em 69 episódios, cada qual com registro e fôlego próprios, alternando entre poesia, discurso publicitário, música, teatro e prosa, instantâneos de uma cidade que só se move deixando para trás um rastro de esquecidos. Ao jogar luz sobre esses anônimos, o autor iluminou também as circunstâncias em que eles se confrontam, em atos que se alternam entre a solidariedade e a frieza. Doze anos depois de sua publicação, Eles eram muitos cavalos ainda é um retrato atual e doloroso da vida na grande cidade. “



Entre amigos

“Composto de oito histórias interligadas, este livro inédito de Amos Oz recria com precisão a realidade de um kibutz. Durante os anos 1950, no kibutz Ikhat, vizinho de uma antiga aldeia árabe então abandonada, israelenses de diferentes origens e idades partilham um cotidiano de trabalho árduo e dedicado.

O livro tem início com o solitário Tzvi Provizor, que se ocupa diligentemente dos jardins do kibutz, mas no tempo livre escuta o rádio e espalha com especial prazer notícias de tragédias e calamidades. E termina com os últimos dias do velho sobrevivente do Holocausto Martin Vanderberg, que acredita na abolição de todos os estados nacionais e numa fraternidade mundial e pacifista, coroada pelo uso

do esperanto como idioma comum a todas as pessoas. Neste engenhoso conjunto de narrativas interligadas, em que os personagens ora protagonizam uma história, ora aparecem de relance na próxima, Amós Oz elege a fronteira como espaço privilegiado: entre o conto e o romance, entre duas gerações, entre o desejo de se decidir o próprio futuro e a missão de perpetuar um povo e sua cultura. Nos limites do público e do privado, que a vida num kibutz torna difíceis de identificar, o arranjo particular de uma comunidade serve de palco para o desenrolar de dramas universais. Ao início de cada história, experimenta-se o pioneirismo, mas também a sensação de retorno ao conhecido que acompanha cada personagem nos anos que se seguem à fundação de seu país. Para cada passo que se dá em direção ao novo, um elemento familiar é generosamente oferecido por Amós Oz, para quem o ímpeto de inaugurar convive lado a lado com a tradição a ser mantida. O autor busca o equilíbrio e pontua com trechos líricos uma narrativa seca, desprovida de excessos, porém rica em detalhes e simbologias, na qual tudo tem serventia.”



Esaú e Jacó

“Originalmente publicado em 1904, Esaú e Jacó trata de uma “história simples, acontecida e por acontecer”: dois jovens bem-nascidos, os gêmeos Pedro e Paulo, digladiam-se em intermináveis conflitos e reconciliações desde o útero da mãe até o começo da idade adulta. Os irmãos lutam pelo amor da jovem Flora Batista, cujo enredo é narrado em terceira pessoa pelo conselheiro Aires - alter-ego de Machado de Assis, que usa o personagem para as suas reflexões autorais. O narrador-personagem compartilha com o leitor suas indagações sobre a arte do romance e, por isso, o crítico e professor Hélio Guimarães, que assina a introdução e as notas do volume, considera essa obra uma verdadeira “teoria da composição ficcional”. Ambientado no Rio de Janeiro durante os anos finais do Império e o início da República, o livro ecoa diversos acontecimentos da história do Brasil - incluindo a Abolição, a Proclamação da República e as revoltas contra o governo Floriano Peixoto -, além de passagens da Bíblia, da Divina comédia e do Fausto de Goethe.”

Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios

“No momento em que começa a narrar os fatos de Eu receberia as piores notícias dos seus lindos



lábios, o fotógrafo Cauby está convalescendo de um trauma numa pensão barata, numa cidade do Pará prestes a ser palco de uma nova corrida do ouro. Sua voz é impregnada da experiência de quem aprendeu todas as regras de sobrevivência no submundo - mas não é do ambiente hostil ao seu redor que ele está falando. O motivo de sua descida ao inferno é Lavinia, a misteriosa e sedutora mulher de Ernani, um pastor evangélico. A trajetória do fotógrafo, dado a premonições e a um humor desencantado, vai sendo explicada por meio de pistas: a história de Chang, fotógrafo morto num escândalo de pedofilia; o mistério de Viktor Laurence, jornalista local que prepara uma vingança silenciosa; a vida de Ernani, que tirou Lavinia das ruas e das drogas no passado. Mesmo diante de todos os riscos, Cauby decide cumprir seu destino com o fatalismo dos personagens trágicos. “Nunca acreditei no diabo”, diz ele. “Apenas em pessoas seduzidas pelo mal.””



Eu sou Malala

“Quando o Talibã tomou controle do vale do Swat, uma menina levantou a voz. Malala Yousafzai recusou-se a permanecer em silêncio e lutou pelo seu direito à educação. Mas em 9 de outubro de 2012, uma terça-feira, ela quase pagou o preço com a vida. Malala foi atingida na cabeça por um tiro à quei-

ma-roupa dentro do ônibus no qual voltava da escola. Poucos acreditaram que ela sobreviveria. Mas a recuperação milagrosa de Malala a levou em uma viagem extraordinária de um vale remoto no norte do Paquistão para as salas das Nações Unidas em Nova York. Aos dezesseis anos, ela se tornou um símbolo global de protesto pacífico e a candidata mais jovem da história a receber o Prêmio Nobel da Paz. Eu sou Malala é a história de uma família exilada pelo terrorismo global, da luta pelo direito à educação feminina e dos obstáculos à valorização da mulher em uma sociedade que valoriza filhos homens. O livro acompanha a infância da garota no Paquistão, os primeiros anos de vida escolar, as asperezas da vida numa região marcada pela desigualdade social, as belezas do deserto e as trevas da vida sob o Talibã. Escrito em parceria com a jornalista britânica Christina Lamb, este livro é uma janela para a singularidade poderosa de uma menina cheia de brio e talento, mas também para um universo religioso e cultural cheio de interdições e particularidades, muitas vezes incompreendido pelo Ocidente. “Sentar numa cadeira, ler meus livros rodeada pelos meus amigos é um direito meu”, ela diz numa das últimas passagens do livro. A história de Malala renova a crença na capacidade de uma pessoa de inspirar e modificar o mundo.”



Festa no covil

“O romance de estreia de Juan Pablo Villalobos é surpreendente em muitos sentidos. Breve e incisivo ao revelar a face mais violenta da realidade (não apenas) mexicana sob uma ótica insólita, entra no cânone da narcoliteratura sem ceder aos tiques próprios do subgênero. Em Festa no covil, a vida íntima de um poderoso chefe do narcotráfico - Yolcault, ou “El Rey” - é narrada pelo filho. Garoto de idade indefinida, curioso e inteligente, o pequeno herói, que vive trancado num “palácio” sem saber a verdade sobre o pai, reconta sem filtros morais o que presenciar ou conhece pela boca dos empregados ou pela tevê. Seu passatempo é investigar secretamente os mistérios que entrevê, colecionar chapéus e palavras difíceis e pesquisar sobre samurais, reis da França e animais em extinção, sempre com o auxílio de seu preceptor - um escritor fracassado egresso da esquerda. Esse pequeno príncipe, tão mimado quanto privado de infância, tem um desejo obsessivo: completar seu minizoológico particular com o raríssimo hipopótamo anão da Libéria. Reveses nos negócios paternos e a conveniência de o grupo abandonar o México por um tempo acabam tomando realidade o safári para capturar o tal hipopótamo em risco de extinção. A viagem à África com seus percalços e o regresso ao “palácio” constituem a grande iniciação do narrador-protagonista, a quem só na última linha é dado chamar o pai de “pai”. Festa no covil é surpreendente também no seu percurso editorial: seus originais chegaram à editora espanhola Anagrama sem as indicações de praxe nem a chancela de concursos literários, caindo nas graças de Jorge Herralde, o mais respeitado editor do mundo hispânico. Publicado em junho de 2010, logo começou a receber os mais veementes elogios dos principais suplementos e revistas culturais de ambos os lados do Atlântico.”



Fim

“Em anos recentes, Fernanda começou a atuar na imprensa, em colunas no jornal Folha de S.Paulo, na Veja Rio e em colaborações para a revista piauí. Com Fim, seu primeiro romance, ela consolida sua transição para o universo das letras e mostra que nesse âmbito é uma artista tão completa quanto no palco ou diante das câmeras.

O livro focaliza a história de um grupo de cinco amigos cariocas. Eles rememoram as passagens marcantes de suas vidas: festas, casamentos, separações, manias, inibições, arrependimentos.

Álvaro vive sozinho, passa o tempo de médico em médico e não suporta a ex-mulher. Sílvio é um junkie que não larga os excessos de droga e sexo nem na velhice. Ribeiro é um rato de praia atlético que ganhou sobrevivência sexual com o Viagra. Neto é o careta da turma, marido fiel até os últimos dias. E Ciro, o Don Juan invejado por todos - mas o primeiro a morrer, abatido por um câncer. São figuras muito diferentes, mas que partilham não apenas o fato de estar no extremo da vida, como também a limitação de horizontes. Sucesso na carreira, realização pessoal e serenidade estão fora de questão - ninguém parece ser capaz de colher, no fim das contas, mais do que um inventário de frustrações. Ao redor deles pairam mulheres neuróticas, amargas, sedutoras, desencanadas, descartadas, conformadas. Paire também um padre em crise com a própria vocação e um séquito de tipos cariocas frutos da arguta capacidade de observação da autora. Há graça, sexo, sol e praia nas páginas de Fim. Mas elas também são cheias de resignação e cobertas por uma tinta de melancolia. Humor sem superficialidade, lirismo sem cafonice, complexidade sem afetação, densidade sem chatices: de que mais precisa um romance para dizer a que veio?”



Fora do tempo

“Em junho de 2011, ao lançar Fora do tempo em Israel, David Grossman preferiu não dar entrevistas. Talvez porque o livro seja uma investigação íntima da experiência do luto. Como se sabe, em agosto de 2006, o filho do autor, Uri, então sargento do Exército israelense, foi morto, pouco antes do fim do conflito com o Líbano. Por uma triste ironia, o romancista havia acabado de se manifestar em favor de um cessar-fogo, ao lado de Amós Oz e A. B. Yehoshua. Num registro único, deixando transparecer o contexto pessoal e israelense apenas por alusão, Fora do tempo retoma o drama medieval para, com o auxílio da parábola e do maravilhoso, forçar os limites da expressão e dar voz ao luto desde dentro. Depois de cinco anos de dor muda, um Homem subitamente recupera a fala e anuncia a sua Mulher que partirá numa jornada para “lá”, onde sente que o espera o filho morto. Andando em círculos, ele magnetiza uma cidade de pais enlutados, que, numa espécie de transe, marcham como se pudessem franquear a linha de fronteira entre “aqui” e “lá”. A estranha disputa entre um Anotador supostamente incumbido pelo Duque da cidade de registrar as dores alheias e um atormentado Centauro - metade homem, metade escrivaniha - com bloqueio criativo evidencia que o trabalho do luto é também o percurso tantas vezes extenuante de esclarecimento da experiência da perda e corajosa retomada da palavra. Com efeito, talvez a poesia tenha se revelado a “língua da dor”

para Grossman, justamente por sua excepcional plasticidade, como se fosse a única linguagem capaz de roçar essa realidade tão impositiva quanto inabordável: a morte. “



Homem Comum

“Numa narrativa direta, íntima e ao mesmo tempo universal, Philip Roth explora o tema da perda, do arrependimento e do estoicismo. O autor de Complô contra a América, que relatava o encontro angustiante de uma família com a história, agora volta sua atenção para a luta de um homem contra a mortalidade, conflito que dura sua vida inteira.

Acompanhamos o destino do homem comum de Roth a partir de seu primeiro confronto com a morte, nas praias idílicas dos verões da infância, passando pelos conflitos familiares e pelas realizações profissionais da idade adulta, até a velhice, quando ele fica dilacerado ao constatar a deterioração de seus contemporâneos e dele próprio, atormentado por uma série de males físicos. Artista comercial de sucesso, trabalhando numa agência publicitária em Nova York, ele tem dois filhos do primeiro casamento, que o desprezam, e uma filha do segundo casamento, que o adora. É amado pelo irmão, um homem bom cuja saúde perfeita termina por despertar sua inveja rancorosa, e é também o ex-marido solitário de três mulheres muito diferentes, tendo ele próprio destroçado os três casamentos. No final, é um homem que se transformou naquilo que não quer ser. O título original da obra, Everyman (literalmente, “Todo homem”), é também o nome de uma peça alegórica do século XV, um clássico da dramaturgia inglesa, cujo tema é a chegada da morte ao mundo dos vivos. Livro vencedor do Pen/Faulker 2007.”



Homem em queda

“Keith consegue sair com vida de uma das torres gêmeas atingidas pelos aviões pilotados por terroristas, no fatídico 11 de setembro de 2001. Em vez de voltar para o seu apartamento, o atordoado Keith, coberto de poeira e sangue, e carregando uma pasta que não lhe pertence, bate à porta de sua ex-mulher, Lianne, com quem tem um filho pequeno.

Keith tenta reconstruir sua vida, ao mesmo tempo que sai em busca do dono da misteriosa pasta. Lianne, por sua vez, trabalha como voluntária junto a pacientes com Alzheimer e cuida também de sua mãe, Nina, uma historiadora da arte aposentada. Esse punhado de personagens evolui num mundo onde não há mais o antes, e o depois é todo feito de incertezas e angústias

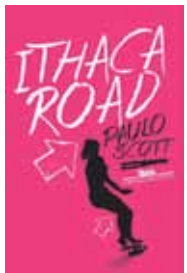
com pouca chance de resolução. Da fatura dos diálogos, restritos à essência mesma do coloquial, à busca de afinidades entre os dramas pessoais dos personagens e os acontecimentos históricos, Homem em queda nos mostra o ataque fundamentalista a Nova York como uma monstruosa metáfora da nossa civilização. Ao mesmo tempo, a naturalidade da prosa de Delillo, meticolosamente cinzelada e polida, cria um quadro de angústia poética envolvendo algumas das questões que vêm assombrando a ficção contemporânea nas últimas décadas: as relações entre arte e memória, os milagres e os limites da linguagem e o significado auto-implosivo dos grandes fatos da história.”



Incidente em Antares

“Em dezembro de 1963, uma sexta-feira 13, a matriarca Quitéria Campolargo arregala os olhos em sua tumba, imaginando estar frente a frente com o Criador. Mas logo descobre que está do lado de fora do cemitério da cidade de Antares, junto com outros seis cadáveres, mortos-vivos como ela, todos insepultos.

Uma greve geral na cidade, à qual até os coveiros aderiram, impede o enterro dos mortos. Que fazer? Os distintos defuntos, já em putrefação, resolvem reivindicar o direito de serem enterrados - do contrário, ameaçam assombrar a cidade. Seguem pelas ruas e casas, descobrindo vilanias e denunciando mazelas. O mau cheiro exalado por seus corpos espelha a podridão moral que ronda a cidade. Em Incidente em Antares, Erico Veríssimo faz uma sátira política contundente e hilariante que, mesmo lançada em 1971, em plena ditadura militar, não teve receio de abordar temas como tortura, corrupção e mandonismo.”



Ithaca Road

“Chamada às pressas pelo irmão mais velho para tomar o seu lugar na condução do Paddington Sour, um bar-restaurant situado numa das mais badaladas ruas de Sydney, Narelle chega da Irlanda, sendo imediatamente absorvida por uma realidade familiar e desafiadora. Para essa neozelandesa mestiça de maori com europeu, o retor-

no inusitado à cidade forçará um inevitável acerto de contas com o passado. A começar pelo irmão, que parece ter fugido do país para evitar as consequências de um complicado processo de falência. Enquanto cruza o tortuoso mundo dos burocratas e advogados, Narelle tenta acalmar os ânimos de funcionários e fornecedores do bar-restaurant, de

modo a evitar que o seu funcionamento seja interrompido. Seu namorado, um jornalista investigativo idealista, está no Brasil cobrindo uma história de crimes relacionados à extração de minério de ferro. Conforme procura dar conta de um impasse no relacionamento cada vez mais à distância, Narelle também precisa negociar com antigos afetos que ressurgem, como até então nunca havia ocorrido. É nesse cenário conturbado que ela vai conhecer Anna, uma garota misteriosa que passa os dias desenhando no parque. Narelle sofre de psoríase, e a aspereza e a sensibilidade extrema de sua pele parecem por vezes reproduzir sua relação com o mundo. Nesse encontro inesperado com a menina que parece nunca sair de seu próprio mundo, a protagonista descobrirá uma nova mediação entre si e tudo que deixou para trás quando resolveu abandonar uma vida regular na Austrália. A partir da relação tênue e frágil desses dois personagens, Paulo Scott, uma das vozes mais vigorosas e originais da atual ficção brasileira, constrói uma delicada história de amor e companheirismo, de escolhas definitivas e coragem, e ainda assim tão imprevisível e verdadeira quanto qualquer paixão.”



Leite derramado

“Um homem muito velho está num leito de hospital. Membro de uma tradicional família brasileira, ele desfia, num monólogo dirigido à filha, às enfermeiras e a quem quiser ouvir, a história de sua linhagem desde os ancestrais portugueses, passando por um barão do Império, um senador da Primeira República, até o tataraneto, garotão do Rio de Janeiro atual. A fala desarticulada do ancião cria dúvidas e suspenses que prendem o leitor. O discurso da personagem parece espontâneo, mas o escritor domina com mão firme as associações livres, as falsidades e os não ditos, de modo que o leitor pode ler nas entrelinhas, partilhando a ironia do autor, verdades que a personagem não consegue enfrentar. Tudo, neste texto, é conciso e preciso; como num quebra-cabeça bem concebido, nenhum elemento é supérfluo. Percorre todo o livro a paixão mal vivida e mal compreendida do narrador por uma mulher. Os múltiplos traços de Matilde, seu “olhar em pingue-pongue”, suas corridas a cavalo ou na praia, suas danças, seus vestidos espalhafatosos, ao mesmo tempo que determinam a paixão do marido e impregnam indelevelmente sua lembrança, ocasionam a infelicidade de ambos. Embora vista de forma indireta e em breves flashes Matilde se torna, também para o leitor, inesquecível. Outras figuras, fixadas a partir de mínimos traços, circulam pela memória do protagonista: o arrogante engenheiro fran-

cês Dubosc; a mãe do narrador, que, de tão reprimida e repressora, “toca” piano sem emitir nenhum som; a namorada do garotão com seus piercings e gírias. É espantoso como tantas personagens ganham vida neste breve romance. Leite derramado é obra de um escritor em plena posse de seu talento e de sua linguagem.”



Mar Inquieto

“O jovem pescador Shinji conhece Hatsue, uma mergulhadora de beleza inquietante, na orla da praia de Utajima, onde mora com a mãe e o irmão. Hatsue é filha de Terukishi Miyata, um dos homens mais ricos da pequena vila pesqueira japonesa. Shinji e Hatsue se apaixonam e frustram a vontade do pai da garota de vê-la casada com Yasuo, pretendente a quem ela fora prometida. Tem início uma história de amor proibida, de desenlace imprevisível. Mar inquieto acompanha as venturas e desventuras do jovem casal, que logo faz pensar em Romeu e Julieta. No embate com os obstáculos que colocam em perigo seu amor, Shinji e Hatsue assumem feições exemplares, que os transportam do mundo do romance para o universo da fábula. Publicado em 1954, Mar inquieto confirmou a reputação de grande narrador que Yukio Mishima conquistara com seus primeiros livros. Em contraste com as obras complexas e polêmicas que, poucos anos antes, haviam proporcionado um sucesso clamoroso ao autor - como Confissões de uma máscara e Cores proibidas -, este romance breve impressiona pela singeleza de seu tom e pela descrição de um estilo cristalino. O livro ganhou adaptações para o cinema, a primeira delas realizada pelo diretor Senkichi Taniguchi no mesmo ano de lançamento do livro.”



Maus

“Maus (“rato”, em alemão) é a história de Vladek Spiegelman, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, narrada por ele próprio ao filho Art. O livro é considerado um clássico contemporâneo das histórias em quadrinhos. Foi publicado em duas partes, a primeira em 1986 e a segunda em 1991. No ano seguinte, o livro ganhou o prestigioso Prêmio Pulitzer de literatura. A obra é um sucesso estrondoso de público e de crítica. Desde que foi lançada, tem sido objeto de estudos e análises de especialistas de diversas áreas - história, litera-

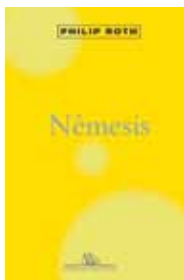
tura, artes e psicologia. Em nova tradução, o livro é agora lançado com as duas partes reunidas num só volume. Nas tiras, os judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos; poloneses não-judeus são porcos e americanos, cachorros. Esse recurso, aliado à ausência de cor dos quadrinhos, reflete o espírito do livro: trata-se de um relato incisivo e perturbador, que evidencia a brutalidade da catástrofe do Holocausto. Spiegelman, porém, evita o sentimentalismo e interrompe algumas vezes a narrativa para dar espaço a dúvidas e inquietações. É implacável com o protagonista, seu próprio pai, retratado como valoroso e destemido, mas também como sovina, racista e mesquinho. De vários pontos de vista, uma obra sem equivalente no universo dos quadrinhos e um relato histórico de valor inestimável.”



Na praia

“Inglaterra, 1962. As profundas mudanças na moral e no comportamento sexual que abalariam o mundo ao longo daquela década ainda estão em estado de gestação. Edward Mayhew e Florence Ponting, ambos virgens, se instalam num hotel na praia de Chesil, perto do canal da Mancha, para celebrar sua

noite de núpcias. Ele é um rapaz recém-formado em história, de origem provinciana, cuja mãe é deficiente mental, e o pai é professor secundário. Ela é uma violinista promissora, líder de seu próprio quarteto de cordas, filha de um industrial e de uma professora universitária de Oxford. O desajeitado encontro íntimo desses dois jovens ainda marcados pelos resquícios da repressiva moral vitoriana é repleto de lances cômicos e comoventes, configurando uma autêntica tragicomédia de erros. Na praia, entretanto, vai além disso. Por conta da refinada arte narrativa de Ian McEwan, o drama dos recém-casados transcende o registro particular e o retrato de época para alcançar a dimensão de uma obra universal sobre o momento da perda da inocência, essa expulsão do paraíso que é um ponto de inflexão na vida de todo indivíduo. Com sua prosa precisa, tão sutil quanto implacável, McEwan alterna os pontos de vista de Edward e Florence, radiografando seus pensamentos e motivações mais secretos. O sentimento trágico que fica no leitor vem da percepção dos estragos profundos e duradouros que um pequeno gesto, um único mal-entendido, uma palavra infeliz podem causar na vida dos personagens. Com esse romance compacto, intenso, inteiriço como um poema ou uma peça musical, o autor confirma seu notável talento para captar e expressar os descaminhos da vida interior.”



Nêmesis

“Aos 23 anos, Eugene “Bucky” Cantor, professor de educação física e inspetor de pátio de uma escola judaica de Newark, vive uma vida pacata, porém é atormentado pelo fato de não poder lutar na guerra ao lado de seus contemporâneos, em razão de sua miopia fortíssima. Tudo muda num dia de verão de 1944, quando um

grupo de adolescentes encenqueiros de ascendência italiana aparece no colégio e cospe no chão, ameaçando a todos com uma doença terrível. Logo depois do incidente, vários alunos contraem poliomielite, para desespero do professor. Esse é o ponto de partida de Nêmesis. Embora hoje seja muito raro alguém morrer de pólio, até o início da década de 1950 a doença era praticamente fatal. Implacável, chegou inclusive a vitimar o presidente americano Franklin D. Roosevelt, mas atingia sobretudo crianças. Quando não levavam à morte, os efeitos eram devastadores, entre eles a paralisia nos membros e a dificuldade extrema para respirar, a ponto de obrigar os pacientes a utilizarem os temidos “pulmões de aço”. Conforme a enfermidade se espalha, Bucky Cantor começa a temer que tenha alguma culpa no contágio das crianças. Sofre ainda com o pavor de que ele próprio possa contrair a doença e ver uma vida atlética tão promissora terminar naquela “caixa da qual ninguém pode escapar, por mais forte que seja”. E, em especial, dedica horas e horas questionando-se por que Deus permitiu que a poliomielite existisse, sem nunca conseguir se conformar com as respostas. “O que é que Ele estava tentando provar? Com precisamos ter aleijados na Terra?”, pergunta. Tomado pelo sentimento de culpa, Cantor deixa Newark e vai atrás da namorada em uma colônia de férias nas montanhas Pocono, tentando escapar da pólio. Nêmesis integra uma tetralogia de novelas formada também por Homem comum, Indignação e A humilhação. Trata-se de mais um exemplo sintomático da intensidade da produção de Philip Roth, que volta a estimular, com doses altas de melancolia, o embate entre o protagonista e sua própria finitude. Na escrita poderosa de Roth, há poucas chances de o herói sair vitorioso.

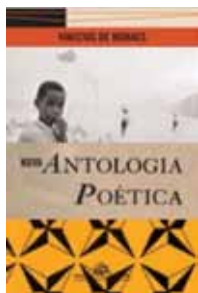
Vencedor do Man Booker International Prize de 2011”



Noturno do Chile

“Noturno do Chile é um denso monólogo constituído de apenas dois parágrafos: o primeiro ocupa quase todo o livro, e o segundo é uma frase de apenas oito palavras. O padre Sebastián Urrutia Lacroix, o narrador,

repassa de modo febril sua vida de poeta e crítico literário “comedido e conciliador”, procurando uma resposta para as inquietações que o assaltam na proximidade da morte. Iniciado no mundo das letras pelo papa da crítica literária chilena, o proprietário rural Farewell (que, além de apalpar-lhe as nádegas, o apresenta ao poeta Pablo Neruda), o padre vive sob a proteção de Pinochet, a quem dá inusitadas aulas de marxismo. Ao misturar personagens reais e ficcionais, Bolaño acerta suas contas com a ditadura chilena e com a vida literária do país. Porém, mais que fazer denúncia política, dá um mergulho fundo nas águas turvas das contradições humanas.”



Nova Antologia Poética

“A antiga Antologia poética de Vinicius de Moraes data de 1954. Foi organizada pelo próprio autor (com a ajuda de amigos, principalmente Manuel Bandeira), que a atualizou em 1967, mantendo sua estrutura. Esta Nova antologia poética vem assinada pelos poetas Antonio Cicero e Eucanaã Ferraz,

e foi lançada originalmente em 2003. Os organizadores reviram conceitos, refizeram a estrutura e montaram uma seleção criteriosa, lançando um olhar renovado sobre a obra viciânica. Tanto a crítica especializada quanto o público reconheceram de imediato que na nova antologia a poesia de Vinicius de Moraes mostra-se mais livre, mais moderna, mais densa e, simultaneamente, mais leve. O volume foi um sucesso imediato, e logo passou a ser editado também na Companhia de Bolso. Ele passa a fazer parte, agora, do novo projeto editorial das obras de Vinicius de Moraes, e traz, entre outras novidades, um belo caderno de imagens com diversas fotos inéditas, reprodução de manuscritos e documentos raros. Fechando o volume, o leitor encontrará uma seleção de textos críticos, entre eles a orelha da “velha” Antologia poética, assinada por Rubem Braga, seguindo-se uma cronologia da vida e da obra deste que é um dos maiores poetas brasileiros do século XX.”



O 11º Mandamento

“Depois de se conhecerem no navio que os levou da Índia para o lêmên, o médico inglês Thomas Stone e a freira carmelita Mary Joseph Praise se reencontram num hospital em Adis Abeba, capital da Etiópia. Da união proibida entre os dois, nasce um par de gêmeos unidos pela cabeça, e operados em seguida.

Para completar o cenário dramático, a mãe morre no parto e o pai desaparece no mundo, deixando os meninos nas mãos de um casal de médicos missionários. Shiva e Marion crescem juntos na Etiópia, mas uma mulher abrirá um abismo entre eles, separando-os radicalmente outra vez. Avançando por páginas em que não faltam lugares e personagens fascinantes, a saga se desloca da África para um hospital nos Estados Unidos. Traumas e decepções do passado ressurgem, e será preciso superá-los para reencontrar o amor que os une e a possibilidade de redenção. Comparado aos grandes romancistas do século XIX, Verghese esbanja talento ao costurar literatura e medicina numa trama apaixonante e impossível de largar, como mostram os milhares de livros vendidos no exterior.”



O aleph

Em sua maioria, “as peças deste livro correspondem ao gênero fantástico”, esclarece o autor no epílogo da obra. Nelas, ele exerce seu modo característico de manipular a “realidade”: as coisas da vida real deslizam para contextos incomuns e ganham significados extraordinários, ao mesmo tempo em que fenômenos bizarros se introduzem

em cenários prosaicos. Os motivos borgeanos recorrentes do tempo, do infinito, da imortalidade e da perplexidade metafísica jamais se perdem na pura abstração; ao contrário, ganham carnadura concreta nas tramas, nas imagens, na sintaxe, que também são capazes de resgatar uma profunda sondagem do processo histórico argentino. O livro se abre com “O imortal”, onde temos a típica descoberta de um manuscrito que relatará as agruras da imortalidade. E se fecha com “O aleph”, para o qual Borges deu a seguinte “explicação” em 1970: “O que a eternidade é para o tempo, o aleph é para o espaço”. Como o narrador e o leitor vão descobrir, descrever essa idéia em termos convencionais é uma tarefa desafiadoramente impossível.

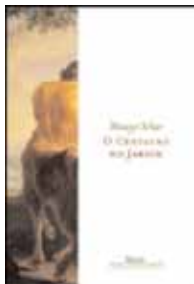


O ano da morte de Ricardo Reis

Neste magnífico romance, o heterônimo mais clássico do grande poeta português Fernando Pessoa, o horaciano Ricardo Reis, acha-se novamente em Lisboa, depois de uma temporada no Brasil, onde se auto-exilara. O ano é o de 1936. Médico, educado pelos jesuítas e monarquistas, ele é um sábio

capaz de se contentar em assistir ao espetáculo do mundo, como diz numa das epígrafes do livro. Aqui, porém, ele se vê

confrontado com os acontecimentos de 1936, em Portugal e fora dele; de um lado, a ditadura fascista de Salazar; de outro, a gestação da Segunda Guerra Mundial, a Frente Popular francesa, a Guerra Civil espanhola, a expansão nazista na Europa. Um confronto, enfim, com um mundo que decerto não era um espetáculo.



O Centauro no Jardim

“No interior do Rio Grande do Sul, na pacata família Tratskovsky, nasce um centauro: um ser metade homem, metade cavalo. Seu nome é Guedali, quarto filho de um casal de imigrantes judeus russos. A partir desse evento fantástico, Moacyr Scliar constrói um romance que se situa entre a fábula e o realismo, evidenciando a dualidade da vida em sociedade, em que é preciso harmonizar individualismo e coletividade. A figura do centauro também ilustra a divisão étnica e religiosa dos judeus, um povo perseguido por sua singularidade. Guedali cresce solitário, excluído da sociedade, e o isolamento o leva a cultivar o hábito da leitura. Inteligente e culto, é ele quem conduz a narrativa, feita a partir do dia de seu 38º aniversário, comemorado entre amigos num restaurante de São Paulo. O centauro rememora sua vida desde o nascimento em Quatro Irmãos, passando pela juventude em Porto Alegre, onde se casa com Tita - também centaura -, até chegar ao Marrocos, onde o casal vai tentar uma cirurgia que os transforme em pessoas normais. Depois de inúmeros percalços, Guedali acaba voltando para São Paulo e o desenlace desconcertante de suas lembranças completa com profundidade essa narrativa provocadora.”



O coronel Chabert

“Tido como morto durante uma importante batalha, ao voltar para casa depois de anos de errância e sofrimento, o coronel Chabert já não encontra lugar no mundo. Sua mulher, herdeira de toda a fortuna, casou-se de novo e teve dois filhos; sua casa foi demolida; até a rua em que morava foi rebatizada. No cenário político francês, a desordem do começo do século

XIX, quando o Império cedia lugar à Restauração, cria uma dissonância ainda maior entre o protagonista e seu tempo. Despossado de seus bens e de seu nome, o antigo herói das guerras napoleônicas pede ajuda ao advogado Darville para se lançar com todas as forças em uma última batalha, pela retomada de sua identidade.”



O Grande Gatsby

“Nos tempos de Jay Gatsby, o jazz é a música do momento, a riqueza parece estar em toda parte, o gim é a bebida nacional (apesar da lei seca) e o sexo se torna uma obsessão americana. O protagonista deste romance é um generoso e misterioso anfitrião que abre a sua luxuosa mansão às festas mais extravagantes. O livro

é narrado pelo aristocrata falido Nick Carraway, que vai para Nova York trabalhar como corretor de títulos. Passa a conviver com a prima, Daisy, por quem Gatsby é apaixonado, o marido dela, Tom Buchanan, e a golfista Jordan Baker, todos integrantes da aristocracia tradicional. Na raiz do drama, como nos outros livros de Fitzgerald, está o dinheiro. Mas o romantismo obsessivo de Gatsby com relação a Daisy se contrapõe ao materialismo do sonho americano, traduzido exclusivamente em riqueza. Aclamado pelos críticos desde a publicação, em 1925, O grande Gatsby é a obra-prima de Scott Fitzgerald, ícone da “geração perdida” e dos expatriados que foram para a Europa nos anos 1920.”



O homem duplicado

“O professor de história Tertuliano Máximo Afonso descobre, certo dia, que é um homem duplicado. Ao assistir a um vídeo, ele se reconhece em outro corpo, idêntico ao dele próprio: um dos atores do filme é seu sócio. Os desdobramentos dessa história são imprevisíveis. Mas o novo romance de José Saramago, esclareça-se logo, não tem nada a ver com clonagem ou outras experiências de laboratório. O que está em jogo é a perda de identidade numa sociedade que cultiva a individualidade e, paradoxalmente, estabelece padrões estreitos de conduta e de aparência. Os romances recentes do escritor português retratam uma época de transformações que, para boa parte da humanidade, resultam mais em perdas que em ganhos. Em Ensaio sobre a cegueira, os personagens perdem a vista, sinal de um tempo em que todos parecem estar cegos. Em A caverna, artesãos perdem o emprego, incapazes de sobreviver à sociedade de consumo. Em O homem duplicado, José Saramago constrói uma ficção extraordinária, apoiada numa questão extremamente atual e inquietante: a perda de identidade no mundo globalizado.”



O menino do pijama listrado

“Bruno tem nove anos e não sabe nada sobre o Holocausto e a Solução Final contra os judeus. Também não faz idéia que seu país está em guerra com boa parte da Europa, e muito menos que sua família está envolvida no conflito. Na verdade, Bruno sabe apenas que foi obrigado a abandonar a

espaçosa casa em que vivia em Berlim e a mudar-se para uma região desolada, onde ele não tem ninguém para brincar nem nada para fazer. Da janela do quarto, Bruno pode ver uma cerca, e para além dela centenas de pessoas de pijama, que sempre o deixam com frio na barriga. Em uma de suas andanças Bruno conhece Shmuel, um garoto do outro lado da cerca que curiosamente nasceu no mesmo dia que ele. Conforme a amizade dos dois se intensifica, Bruno vai aos poucos tentando elucidar o mistério que ronda as atividades de seu pai. O menino do pijama listrado é uma fábula sobre amizade em tempos de guerra, e sobre o que acontece quando a inocência é colocada diante de um monstro terrível e inimaginável.”



O mundo se despedaça

“O mundo se despedaça conta a história de um guerreiro chamado Okonkwo, da etnia ibo, estabelecida no sudeste da Nigéria, às margens do rio Níger. O momento que a narrativa retrata é o da gradual desintegração da vida tribal, graças à chegada do colonizador branco.

Os valores da Ibolândia são coloca-

dos em xeque pelos missionários britânicos que trazem consigo o cristianismo, uma nova forma de governo e a força da polícia. O delicado equilíbrio de costumes do clã vinha sendo mantido por gerações, mas então atravessa um momento de desestabilização, pois os missionários europeus e seus seguidores, africanos convertidos, começam a acorrer às aldeias de Umuófia pregando em favor de uma nova crença, organizada em torno de um único Deus. A nova religião contraria a crença nas forças anímicas e na sabedoria dos antepassados, em que acreditam os ibos. Além disso, os homens brancos trazem novas instituições: a escola, a lei, a polícia. Okonkwo, o mais bravo guerreiro do clã, é dos principais opositores dos missionários, mas ele não contava com a adesão à nova crença de muitos de seus conterrâneos, vizinhos e companheiros de aldeia. Entre eles está ninguém menos que seu primogênito, Nwoye. Também aderem à religião do homem branco

aqueles que foram marginalizados pela sociedade tradicional, os párias ou osus, as mulheres, os jovens sem perspectiva. Como escreve o diplomata e estudioso das literaturas africanas Alberto da Costa e Silva, no prefácio ao livro, o romance de Achebe é uma das obras fundadoras do romance nigeriano contemporâneo. Segundo ele, o livro “narra a desintegração de uma cultura, com a chegada do estrangeiro, com armas mais poderosas e de pele, costumes e ideias diferentes”. Mas, para o ensaísta, Chinua Achebe, que escreve em inglês, “é cidadão de uma Nigéria criada pelo colonizador” e sabe que a “História não é boa nem má, nascemos dela, de seus sofrimentos e remorsos, de seus sonhos e pesadelos”. O romance é considerado um dos livros mais importantes da literatura africana do século XX e fundador da moderna literatura nigeriana. Foi publicado originalmente em 1958, dois anos antes da independência da Nigéria. Primeiro romance do autor, foi publicado em mais de quarenta línguas.”



Orlando

“Nascido no seio de uma família de boa posição em plena Inglaterra elisabetana, Orlando acorda com um corpo feminino durante uma viagem à Turquia. Como é dotado de imortalidade, sua trajetória então atravessa mais de três séculos, ultrapassando as fronteiras físicas e emocionais entre os gêneros masculino e feminino.

Suas ambiguidades, temores, esperanças, reflexões - tudo é observado com inteligência e sensibilidade nesta narrativa que, publicada originalmente em 1928, permanece como uma das mais fecundas discussões sobre a sexualidade humana. A um só tempo cômico e lírico, Orlando mostra o trajeto do personagem entre embates com armas brancas, acalorados debates filosóficos no século XVIII, a maternidade e até mesmo num volante a bordo de um automóvel. Tudo isso vem costurado pela prosa luminosa de Woolf nesta que é uma das grandes declarações de amor da literatura ocidental. Esta edição inclui introdução e notas de Sandra Gilbert, especialista em estudos de gênero e literatura inglesa, e uma brilhante crônica-ensaio de Paulo Mendes Campos, um dos grandes leitores brasileiros da obra de Virginia Woolf.”



Os Enamoramentos

“Maria Dolz, uma solitária editora de livros, admira à distância, todas as manhãs, aquele que lhe parece ser o “casal perfeito”: o empresário Miguel Desvern e sua

bela esposa Luisa. Esse ritual cotidiano lhe permite acreditar na existência do amor e enfrentar seu dia de trabalho. Mas um dia Desvern é morto por um flanelinha mentalmente perturbado e Maria se aproxima da viúva para conhecer melhor a história. Passa então de espectadora a personagem, vendo-se cada vez mais envolvida numa trama em que nada é o que parecia ser, e em que cada afeto pode se converter em seu contrário: o amor em ódio, a amizade em traição, a compaixão em egoísmo. A história, narrada em primeira pessoa por Maria, sofre as oscilações de seus estados de espírito, de seus “enamoramentos”, evidenciando que todo relato é tingido pela subjetividade de quem conta. Ao mesmo tempo, a presença incômoda dos mortos na vida dos que ficam é o tema que perpassa este romance, à maneira de um motivo musical com suas variações. Para desdobrar e reverberar esse mote, Javier Mariás entrelaça a seu enredo referências a obras clássicas da literatura, como Os três mosqueteiros, de Dumas, Macbeth, de Shakespeare, e, sobretudo, o romance O coronel Chabert, de Honoré de Balzac. Sustentando com maestria uma voz narrativa feminina, o autor eleva aqui a um novo patamar sua habilidade em nos envolver no mundo interior de seus personagens. Com Os enamoramentos, obra de plena maturidade literária, Javier Mariás se reafirma como um dos maiores ficcionistas de nossa época.”



Os Versos Satânicos

“Dois homens caem do céu para a terra, depois que terroristas explodem o avião em que viajavam. Ambos são indianos e atores. Ambos chegam incólumes ao solo da Inglaterra e se metamorfoseiam -- um em diabo, outro em anjo. Muitas coisas opõem e associam os acidentados: um é apolíneo, o outro dionisíaco; um é apocalíptico, o outro integrado; um é apegado a sua origem, o outro está decidido a conquistar a nova nacionalidade. Transitando livremente entre o real e o fantástico, entre o bem e o mal, entre a infinidade de opostos complementares e inconciliáveis da vida, este romance alegórico, impregnado de magia, é claramente autobiográfico no conjunto de seus episódios e, principalmente, em sua questão filosófica central: quem sou eu?”

Papéis avulsos

“Papéis avulsos, primeiro livro de contos publicado por Machado de Assis (1839-1908) após o lançamento de Memórias póstumas de Brás Cubas (1881), é integralmente composto por momentos antológicos da ficção curta brasileira. De “O alienis-



ta”, um dos mais famosos contos do autor, a “O espelho”, cujo enredo psicológico tem fascinado sucessivas gerações de leitores e escritores (inclusive Guimarães Rosa, que escreveu um conto homônimo como “resposta”), este livro concentra alguns dos melhores personagens e situações do criador de Dom Casmurro. Com introdução de John Gledson e notas de Hélio Guimarães, esta edição foi baseada na primeira edição do livro, única em vida do autor, e traz um pequeno texto introdutório de “Na arca”, que Machado cortou quando publicou o conto em livro. Segundo Gledson, embora a unidade das histórias não seja à primeira vista evidente, textos tão dissimilares como “Teoria do medalhão” e “A sereníssima república” se entrelaçam do ponto de vista histórico. Além disso, são uma exploração multifacetada e irônica da situação do Brasil e dos brasileiros, no momento em que o autor tinha achado sua verdadeira voz.”



Persépolis

“Marjane Satrapi tinha apenas dez anos quando se viu obrigada a usar o véu islâmico, numa sala de aula só de meninas. Nascida numa família moderna e politizada, em 1979 ela assistiu ao início da revolução que lançou o Irã nas trevas do regime xiita - apenas mais um capítulo nos muitos séculos de opressão do povo persa.

Vinte e cinco anos depois, com os olhos da menina que foi e a consciência política à flor da pele da adulta em que se transformou, Marjane emocionou leitores de todo o mundo com essa autobiografia em quadrinhos, que só na França vendeu mais de 400 mil exemplares. Em Persépolis, o pop encontra o épico, o oriente toca o ocidente, o humor se infiltra no drama - e o Irã parece muito mais próximo do que poderíamos suspeitar.”



Procurando Mônica

“Quando José Trajano conheceu Mônica, ele ainda era chamado de Zezinho, e mal tinha largado as calças curtas para descobrir as festas e bares de Rio das Flores, cidade no interior do Rio de Janeiro onde costumava passar o verão. O garoto nem desconfiava que aquele encontro da-

ria início a uma obsessão de mais de quarenta anos, a um amor não correspondido que ele nunca iria esquecer. Procurando Mônica é a história dessa paixão impossível, um relato repleto de esperanças, sonhos e frustrações. Puxando pela memória, Trajano recria sua implacável busca por Mônica, contando com humor e uma dose de “tragédia grega” os inúmeros foras que recebeu de sua musa. Mas os tempos mudaram. Trajano, que conquistou uma carreira brilhante no jornalismo esportivo, não é mais o garoto inseguro que Mônica tanto desprezou. Com uma nova dose de coragem, ele partirá novamente atrás dela para, quem sabe, escrever o último capítulo desse livro. “



Recordações do escravo Isaiás Caminha

“Filho de uma escrava liberta e um tipógrafo, Lima Barreto nunca teve em vida o reconhecimento que a sua obra merecia. Isso talvez se justifique, ao menos em parte, pela repercussão de Recordações do escravo Isaiás Caminha na sociedade carioca. Ao ambientar o personagem numa redação de jornal, Lima Barreto trata de maneira impiedosa

a classe jornalística, que respondeu aos insultos banindo o autor da imprensa carioca. E, embora tenha sido publicada em 1909, em meio ao otimismo pós-Lei Áurea, a história de Isaiás mostra um cotidiano bastante cruel para os negros. O jovem é culto e inteligente mas isso não basta para que ele seja inserido na sociedade, pois será esmagado pelo preconceito racial. Resgatando a atualidade de Lima Barreto sob o viés da crítica literária, Alfredo Bosi defende na introdução do livro que Recordações é um dos grandes romances da literatura brasileira. Essa edição traz também um prefácio de Francisco de Assis Barbosa, historiador que fez um importante estudo sobre o autor, valendo-se de dados gráficos e contextualizando o livro à época em que foi publicado. E, ainda, mais de cem notas elaboradas por Isabel Lustosa, que comenta fatos históricos e nos revela quem eram as pessoas e os lugares retratados no livro.”



Retrato de uma senhora

Retrato de uma senhora, publicado pela primeira vez em 1881, é o primeiro grande romance de Henry James, e talvez sua obra máxima. Num século em que a esposa burguesa insatisfeita tornou-se um personagem literário central, e o adultério um motivo romanesco recorrente - o sécu-

lo de Emma Bovary e Anna Karenina, enfim -, James colocou em cena uma heroína singular, cuja carência essencial é de outra ordem. Com uma narrativa que, astuciosamente, começa lenta, quase contemplativa, e aos poucos se acelera, ganhando dramaticidade, James constrói sua história como um jogo em que cada coisa se transmuta em seu oposto: liberdade em destino, afeto em traição, pureza em artimanha - e vice-versa.



Serena

“Desde o sucesso do romance Reparação, a expectativa gerada por um lançamento de Ian McEwan é sempre imensa. Serena pode ser o livro que mais corresponde a essa expectativa, não só por se tratar mais uma vez de uma personagem feminina que revê um momento histórico relevante (aqui, o co-

meço da década de 70), mas, sobretudo, por permitir que o leitor reviva a discussão sobre os limites da literatura como reelaboração da realidade. Ao ser contratada pelo MI5, o Serviço Secreto Britânico, a protagonista Serena se vê como participante de uma mentira cujo objetivo é fomentar a criação de uma ficção. Isso porque ela é incumbida de estabelecer contato com um escritor a quem não pode contar que é uma espiã, nem que o dinheiro que ele passará a receber virá do Estado. Mas o contexto de toda essa armação é uma guerra muito real, num período bastante violento da história da Inglaterra, especialmente por causa da atividade do IRA. E, para Serena, o caso envolve ainda sua vida pessoal, tanto no que se refere a seu antigo amante, que a introduziu no MI5, quanto no que se refere ao escritor que é vítima do ardil, por quem acaba se apaixonando. Ela é, portanto, agente e vítima, personagem e criadora, num romance em que todos esses papéis são questionados com fervor. Ora, ao conhecermos a ficção de Tom Haley, o escritor que não sabe que está na folha de pagamento da Inteligência Britânica, já notamos essa curiosa relação entre o real e o fictício, mediada pelo criador. Mas será apenas quando concluirmos a leitura de Serena que teremos a verdadeira dimensão do grau que atingiu essa fusão, tanto na história que estamos lendo quanto na nossa relação com o livro e seus personagens. A literatura experimental, questionadora, pode adotar várias máscaras. Nesse romance, Ian McEwan a veste nos trajes mais discretos e, talvez por isso mesmo, mais eficientes.”



Sinuca em baixo d'água

“Sinuca embaixo d'água é uma história construída em torno de uma ausência. Sete personagens narram um momento de luto, depois que Antônia, uma garota na casa dos vinte anos, morreu num acidente de automóvel. Boa parte dos episódios transcorre no bar do Polaco. Às margens

de um lago, os fundos do bar abrigam um salão de sinuca - metade do estabelecimento fica dentro d'água. O local é frequentado por Camilo, irmão rebelde de Antônia, que tinha uma relação especial com a irmã: entre a adoração e o instinto protetor. Sua principal ocupação é montar e desmontar carros antigos. O tímido e doce Bernardo era colega de faculdade de Antônia, com quem ela mantinha um romance platônico. É ele quem vai esboçar uma investigação sobre o acidente: estaria ela embriagada, transtornada por uma briga passional, fugindo, sendo seguida? Bernardo e Camilo não são os únicos a se ocupar dessa ausência. Polaco, a jornalista Helena, o publicitário Gustavo, o vizinho Lucas e o forasteiro Santiago estão todos ligados, entre si e a Antônia, graças a esse acontecimento trágico, que instaura outro tempo, feito de memória, dificuldade de expressão e necessidade de um novo aprendizado.”



Terra Sonâmbula

“Um ônibus incendiado em uma estrada poeirenta serve de abrigo ao velho Tuahir e ao menino Muidinga, em fuga da guerra civil devastadora que grassa por toda parte em Moçambique. Como se sabe, depois de dez anos de guerra anticolonial (1965-75), o país do sudeste africa-

no viu-se às voltas com um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992. O veículo está cheio de corpos carbonizados. Mas há também um outro corpo à beira da estrada, junto a uma mala que abriga os “cadernos de Kindzu”, o longo diário do morto em questão. A partir daí, duas histórias são narradas paralelamente: a viagem de Tuahir e Muidinga, e, em flashback, o percurso de Kindzu em busca dos naparamas, guerreiros tradicionais, abençoados pelos feiticeiros, que são, aos olhos do garo-

to, a única esperança contra os senhores da guerra. Terra Sonâmbula - considerado por júri especial da Feira do Livro de Zimbabwe um dos doze melhores livros africanos do século XX e agora reeditado no Brasil pela Companhia das Letras - é um romance em abismo, escrito numa prosa poética que remete a Guimarães Rosa. Couto se vale também de recursos do realismo mágico e da arte narrativa tradicional africana para compor esta bela fábula, que nos ensina que sonhar, mesmo nas condições mais adversas, é um elemento indispensável para se continuar vivendo.”



Todos os homens são mentirosos

“O ponto de partida deste romance é a história secreta de Alejandro Bevilacqua, misterioso autor de um único livro, que se matou no exílio em Madri. O escritor desperta a curiosidade de um jornalista francês, que decide escrever um livro sobre ele. As fontes são quatro pessoas que conviveram com

Bevilacqua e prometem revelar segredos importantes. O primeiro narrador tem o nome do próprio romancista: Alberto Manguel, uma espécie de alter ego homônimo. Em seguida, quem fala é Andrea, a última companheira de Bevilacqua; o jornalista recebe também uma carta de Chanco, ex-companheiro de prisão do escritor na Argentina. Por fim, a narrativa fragmentada e aparentemente ébria de outro exilado em Madri, Tito Gorostiza, irá trazer à tona graves segredos e levantar suspeitas acerca da morte de Bevilacqua. O perfil do escritor, entretanto, permanece incompleto e obscuro. Resta então uma última surpresa: enquanto o jornalista constata a impossibilidade de montar o quebra-cabeça das lembranças alheias, confundido entre equívocos e mentiras, Alberto Manguel demonstra com maestria a possibilidade de um romance dar vida nova ao passado - uma vida verdadeira, apesar de ficcional.”



Tudo que tenho comigo

“Fim da guerra, 1945. Para a minoria alemã na Romênia é o início de um período de horror e silêncio. Nos cinco anos seguintes, por volta de 30 mil saxões residentes na Transilvânia foram deportados para campos de trabalhos forçados.

Segundo Stálin, os povos de origem alemã deveriam pagar pelos crimes da guerra e trabalhar na reconstrução da União Soviética. Os campos caracterizaram-se por condições desumanas e insalubres, e os ex-internos preferiram esquecer o que aconteceu ali. Parte dessa minoria alemã, Herta Müller tomou o relato de um amigo, o poeta Oscar Pastior, como base para este romance sobre a dura experiência nos campos. O projeto que deveria ser realizado a quatro mãos foi interrompido com a morte de Pastior, e Müller o assumiu sozinha. O resultado é essa narrativa dolorosa, construída com uma escrita altamente poética, seca e pungente. Trata-se da história de Leo Auberg, um jovem de dezessete anos, gay, que é internado num campo soviético. Ali ele convive com a fome, trabalhos forçados, doenças, solidão e morte. Cinco anos depois, Leo volta para casa, mas percebe que tal retorno é impossível.”



Um Coração Ardente

“Os dez contos reunidos neste livro foram publicados por Lygia Fagundes Telles entre 1958 e 1981. Todos, de alguma maneira, mereceriam o título emprestado pelo primeiro deles à coletânea. São histórias de homens e mulheres, crianças e adultos flagrados em seus sentimentos mais secretos e em sua relação espinhosa com a vida à sua volta.

Em “Um Coração Ardente”, um rapaz se apaixonou por uma moça sem saber que ela é prostituta e, depois, tenta regenerá-la. Em “Biruta”, um menino órfão cujo único consolo e companhia é seu cão de estimação vê-se traído pela família que o adotou como uma espécie de agregado. Em “Emanuel”, o amante inventado por uma moça solitária em um mecanismo de defesa contra as zombarias das amigas acaba por ganhar existência real. “As Cartas”, por sua vez, narra o empenho de uma mulher para proteger a correspondência comprometedor de uma amiga com um político casado. Já o trecho de “A Estrela Branca” é o transplante de olhos que devolveu a um cego a visão mas não o controle sobre ela. Em “O Noivo”, um homem lembra no dia do seu casamento sem se lembrar quem é a noiva, e a revelação de sua identidade o chocará tanto quanto ao leitor. “O Encontro” é uma fantástica viagem a vidas passadas. Com a segurança narrativa e a prosa envolvente que encantou leitores e críticos de várias gerações, a autora trafega com desenvoltura entre a descrição externa das cenas e o mergulho na vida interior dos personagens e o resultado é que saímos da leitura destas páginas com

uma percepção mais compassiva e multifacetada das vicissitudes humanas.”



Um médico rural

Todas as listas que elegem os melhores escritores do século incluem Franz Kafka (O processo, A metamorfose). Elaboradas por publicações comuns ou especializadas em literatura, elas refletem uma unanimidade rara: Kafka mudou nossa concepção de linguagem literária e criou efetivamente uma perspectiva nova para encarar o mundo. O médico rural é uma das poucas coletâneas que ele publicou em vida. São catorze narrativas que variam bastante em extensão. O vínculo mais imediato entre elas é a convivência do enigma com a escrita clara e da ironia com a expressão lírica. A tradução é do crítico e professor de literatura Modesto Carone.



Uma aventura parisiense e outros contos de amor

“Nesta seleção de contos de Maupassant, o leitor encontrará muitos tipos de relações amorosas: mulheres à procura do amor idealizado, outras que não se acanham em trair o marido, mulheres submissas, culpadas, sofredoras. E também conhecerá a habilidade do autor em criar atmosferas hipnóticas, como no belíssimo “Sobre a água”. Além dos contos que têm como pano de fundo a sociedade da França do século XIX, Maupassant ficou conhecido por sua habilidade em escrever contos fantásticos. Histórias famosas como “A morta”, de defuntos que saem de seus túmulos para reescrever os seus epitáfios baseando-se na realidade e não nos clichês de sublimação ao morto, também estão contempladas nesta seleção. “

CLÁSSICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

Carlos Drummond de Andrade

A bolsa & a vida (2012)
A paixão medida (2014)
A rosa do povo (2012)
A vida passada a limpo (2013)
Alguma poesia (2013)
Antologia poética (2012)
As impurezas do branco (2012)
Brejo das almas (2013)
Claro enigma (2012)
Contos de aprendiz (2012)
Contos plausíveis (2012)
De notícias & não notícias faz-se a crônica (2013)
Fala amendoira (2012)
Fazendeiro do ar (2012)

José (2012)
Lição de coisas (2012)
O amor natural (2014)
O homem que fazia chover (2013)
Os dias lindos (2013)
Quando é dia de futebol (2014)
Sentimento do mundo (2012)

Érico Veríssimo

A vida de Joana D'Arc (2011)
A volta do gato preto (2007)
Ana Terra (2005)
As aventuras de Tibicuera (2005)
Caminhos cruzados (2005)
Clarissa (edição de bolso) (2005)
Do diário de Sílvia (2005)
Fantoches e outros contos (2007)
Gato preto em campo de neve (2006)
Incidente em antares (edição de bolso) (2006)
Israel em abril (2010)
México (2013)
Música ao longe (2005)
Noite (2009)
O arquipélago - vols. 1, 2 e 3 (2004)
O continente - vols. 1 e 2 (2004)
O prisioneiro (2008)
O resto é silêncio (2008)
O retrato - vols. 1 e 2 (2004)
O senhor embaixador (2009)
O tempo e o vento - parte 1 (edição econômica) (2013)
Olhai os lírios do campo (2005)
Saga (2006)
Solo de clarineta - vols. 1 e 2 (2005)
Um certo capitão Rodrigo (2005)
Um certo Henrique Bertaso (2011)
Um lugar ao sol (2006)

Fernando Pessoa

A língua portuguesa (1999)
Aforismos e afins (2006)
Lisboa: o que o turista deve ver (2008)
Livro do desassossego (2011)
Poesia completa de Alberto Caetano (edição de bolso) (2005)
Poesia completa de Álvaro de Campos (edição de bolso) (2007)
Poesia completa de Ricardo Reis (edição de bolso) (2007)

Gonçalo M. Tavares

A máquina de Joseph Walsler (2010)
Aprender a rezar na era da técnica (2008)
Jerusalém (2006)
Um homem: Klaus Klump (2007)

Joaquim Manuel de Macedo

Memórias do sobrinho de meu tio (2011)

Joaquim Nabuco

Essencial Joaquim Nabuco (2010)
Que é o abolicionismo? (2011)

Jorge Amado

Tocaia grande (2008)
A descoberta da América pelos turcos (2008)
A luz no túnel (2011)
A morte e a morte de Quincas Berro D'Água (2008)
ABC de Castro Alves (2010)
Agonia da noite (2011)
As mortes e o triunfo de Rosalinda (2010)
Bahia de todos-os-santos (2012)
Cacau (2010)
Capitães da areia (2008)
De como o mulato Porciúncula descarregou seu defunto (2008)
Dona flor e seus dois maridos (2008)
Essencial Jorge Amado (2010)
Farda, fardão, camisola de dormir (2009)
Gabriela cravo e canela (2008)
Hora da guerra (2008)
Jubiabá (2008)
Mar morto (2008)
O amor do soldado (2011)
O cavaleiro da esperança (2011)
O compadre de Ogum (2012)
O contador de histórias (2012)
O menino Grapiúna (2010)
O milagre dos pássaros (2008)
O país do Carnaval (2011)
O sumiço da santa (2010)
Os ásperos tempos (2011)
Os pastores da noite (2009)
Os velhos marinheiros ou o capitão-de-longo-curso (2009)
São Jorge dos Ilhéus (2010)
Seara Vermelha (2009)
Suor (2011)
Tenda dos milagres (2008) -
Tereza Batista cansada de guerra (2008)
Terras do sem-fim (2008)
Tieta do Agreste (2009) - autor

José de Alencar

Senhora

José Saramago

A bagagem do viajante (1996)
Cadernos de Lanzarote II (1999)
Cadernos de Lanzarote (1997)
O ano de 1993 (2007)
O caderno (2009)
A caverna (2000)
A jangada de pedra (1988)
A maior flor do mundo (2001)
A viagem do elefante (2008)
As intermitências da morte (2005)
As pequenas memórias (2006)
Caim (2009)
Claraboia (2011)
Don Giovanni ou o dissoluto absolvido (2005)

Ensaio sobre a cegueira (1995)
Ensaio sobre a lucidez (2004)
História do cerco de Lisboa (1989) - autor
In Nomine Dei (1993)
Levantado do chão (2013)
Manual de pintura e caligrafia (1992)
Memorial do convento (2013)
O ano da morte de Ricardo Reis (1988)
O conto da ilha desconhecida (1998)
O Evangelho segundo Jesus Cristo (1991)
O homem duplicado (edição de bolso) (2008)
O silêncio da água (2011)
Objecto quase (1994)
Que farei com este livro? (1998)
Todos os nomes (1997)
Viagem a Portugal (1997)

Lima Barreto

Clara dos Anjos (2012)
Contos completos de Lima Barreto (2010)
Recordações do escrívão Isaias Caminha (2010)
Triste fim de Policarpo Quaresma (2011)

Lygia Fagundes Telles

A disciplina do amor (2010)
A estrutura da bolha de sabão (2010)
A noite escura e mais eu (2009)
Antes do baile verde (2009)
As horas nuas (2010)
As meninas (2009)
Ciranda de pedra (2009)
Durante aquele estranho chá (2010)
Histórias de mistério (2011)
Invenção e memória (2009)
O segredo (2012)
Passaporte para a China (2011)
Seminário dos ratos (2009)
Um coração ardente (2012)
Verão no aquário (2010)

Machado de Assis

50 contos de Machado de Assis (2007)
Crônicas escolhidas (2013)
Esaú e Jacó (2012)
O Alienista (2014)
O jornal e o livro (2011)
Papéis avulsos (2011)
Quincas Borba (2012)

Manuel Antônio de Almeida

Memórias de um sargento de milícias (2013)

Mia Couto

A confissão da leoa (2012)
A menina sem palavra (2013)
A varanda do frangipani (2007)
Antes de nascer o mundo (2009)

Cada homem é uma raça (2013)
Contos do nascer da terra (2014)
E se Obama fosse africano? (2011)
Estórias abensonhadas (2012)
O fio das missangas (2009)
O outro pé da sereia (2006)
O último voo do flamingo (2005)
Terra sonâmbula (2007)
Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra (2003)
Venenos de deus remédios do diabo (2008)
Vozes anoitecidas (2013)

Miguel Sousa Tavares

Equador (2011)
Madrugada suja (2013)
No teu deserto (2009)
O segredo do rio (2011)
Rio das flores (2008)

Padre Antônio Vieira

Essencial Padre Antônio Vieira (2011)

Paulo Leminski

Toda poesia
Vida

Paulo Mendes Campos

Diário da tarde (2014)
O amor acaba (2013)
O mais estranho dos países (2013)
Primeiras leituras (2012)

Pedro Nava

Balão cativo (2012)
Baú de ossos (2012)
Beira-mar (2013)
Chão de ferro (2012)
Galo das trevas (2014)

Raul Pompéia

O Ateneu (2013)

Vinicius de Moraes

A arca de Noé (2004)
Antologia poética (edição de bolso) (2009)
caixa Vinicius de Moraes (2013)
Forma e exegese e ariana a mulher (2011)
Jardim noturno (1993)
Jazz & co. (2013)
Livro de letras (1991)
Livro de sonetos (edição de bolso) (2006)
Nova antologia poética (2003)
Novos poemas e cinco elegias (2012)
Novos poemas II (2012)
O caminho para a distância (2008)
Orfeu da Conceição (edição de bolso) (2013)
Para uma menina com uma flor (1992)
Para viver um grande amor (1991)

Poemas esparsos (2008)
Poemas sonetos e baladas e pátria minha (2008)
Pois sou um bom cozinheiro (2013)
Querido poeta (2003)
Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro (1992)
Teatro em versos (1995)
Uma mulher chamada guitarra (2013)

Zélia Gattai

A casa do Rio Vermelho (2010)
Anarquistas, graças a Deus (2009)
Chão de meninos (2011)
Città di Roma (2012)
Códigos de família (2010)
Crônica de uma namorada (2011)
Jardim de inverno (2009)
Jonas e a sereia (2010)
Memorial do amor & vacina de sapo (2013)
O segredo da rua 18 (2009)
Pipistrela das mil cores (2011)
Senhora dona do baile (2009)
Um chapéu para viagem (2010)

CLÁSSICOS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Choderlos de Laclos

As relações perigosas (2012)

D. H. Lawrence

O amante de Lady Chatterley (2010)

Daniel Defoe

Robinson Crusóé (2012)

F. Scott Fitzgerald

O grande Gatsby (2011)
O último magnata (2013)
Pileques (2013)
Querido Scott, querida Zelda (2005)

Franz Kafka

A metamorfose (1997)
Carta ao pai (1997)
Contemplação / O fogueira (1999)
Essencial Franz Kafka (2011)
Na colônia penal (quadrinhos) (2011)
Narrativas do espólio (2002)
O castelo (edição de bolso) (2008)
O processo (1997)
O veredicto / Na colônia penal (1998)
Um artista da fome / A construção (1998)
Um médico rural (1999)

Geoffrey Chaucer

Contos da Cantuária (2013)

Guy de Maupassant

Uma aventura parisiense e outros contos de amor (2013)

Henry James

A outra volta do parafuso (2011)

Os espólios de Poynton (edição de bolso)(2008)

Pelos olhos de Maisie (2010)

Retrato de uma senhora (edição de bolso)(2007)

Homero

Ilíada (2013)

Odisseia (2011)

Honoré de Balzac

Ilusões perdidas (2011)

O coronel Chabert (2013)

Italo Calvino

A especulação imobiliária (2011)

As cidades invisíveis (1990)

Coleção de areia (2010)

Eremita em Paris (2006)

Fábulas italianas (edição de bolso) (2006)

Marcovaldo (1994)

O barão nas árvores (edição de bolso) (2009)

O caminho de San Giovanni (2000)

O cavaleiro inexistente (edição de bolso) (2005)

O dia de um escrutinador (2002)

O visconde partido ao meio (edição de bolso)(2011)

Os amores difíceis (edição de bolso) (2013)

Palomar (1994)

Sob o sol-jaguar (1995)

Um general na biblioteca (edição de bolso)(2010)

Jack London

Caninos brancos (2014)

James Joyce

Finn's Hotel (2014)

Os mortos (2013)

Ulysses (2012)

Jane Austen

Juvenília (2014)

Orgulho e preconceito (2011)

Razão e sensibilidade (2012)

Johann Wolfgang Von Goethe

As afinidades eletivas (2014)

Retrato do amor quando jovem (edição de bolso) (2006)

Jonathan Swift

Viagens de Gulliver (2010)

Jorge Luis Borges

Atlas (2010)

Borges oral & sete noites (2011)

Ficções (2007)

Nove ensaios dantescos & a memória de Shakespeare (2011)

O aleph (2008)

O fazedor (2008)

O informe de Brodie (2008)

O outro o mesmo (2009)

Outras inquisições (2007)

Primeira poesia (2007)

Prólogos com um prólogo de prólogos (2010)

Joris-Karl Huysmans

Às avessas (2011)

Liev Tolstói

Os últimos dias (2011)

Oscar Wilde

A importância de ser prudente e outras peças(2011)

O retrato de Dorian Gray (2012)

Ovídio

Amores & arte de amar (2011)

Philip Roth

A humilhação

Adeus Columbus (bolso)

Avesso da vida (bolso)

Complexo de Portnoy (bolso)

Complô contra a América

Entre nós

Fantasma sai de cena

Homem comum

Indignação

Marca Humana

Nêmesis

O professor do desejo

Pastoral Americana (bolso)

Patrimônio

Zeckerman acorrentado

Robert Walser

Jakob Von Gunten (2011)

Sándor Márai

As brasasAs brasas

Confissões de um burguês

De verdade

Divórcio em Buda

Libertação

O legado de Eszter

Rebeldes

Veredito em Canudos

Stendhal

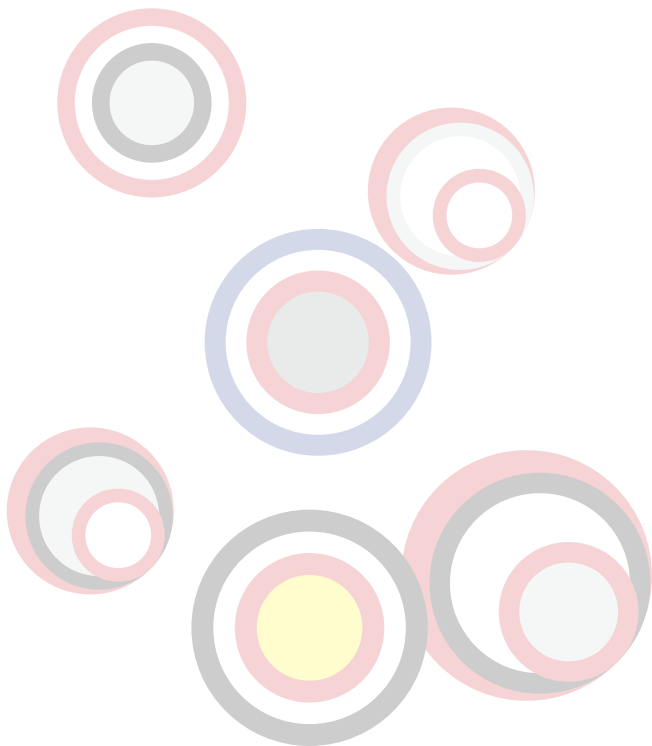
A cartuxa de Parma (2012)

Virginia Woolf

Orlando (2014)

Voltaire

Cândido, ou o otimismo (2012)





clube de leitura

